

# ILUSTRAÇÃO

N.º 287 — 12.º ano



UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

# LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECCÃO METÓDICA DE

**7.113 RECEITAS**

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

## O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

## No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade  
— Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica  
— Géneros alimentícios — Lavagens — Colas —  
Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais do-  
mésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação  
— Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas  
e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e  
passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Te-  
cidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

**A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!**

*Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . . Esc. 30\$00*

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33\$00**

**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND**

**73, Rua Garrett, 75 - LISBOA**

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular .....	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada) .....	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português .....	—	64\$50	129\$00
(Registada) .....	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias .....	—	64\$50	129\$00
(Registada) .....	—	69\$00	138\$00
Brasil .....	—	67\$00	134\$00
(Registada) .....	—	91\$00	182\$00
Outros países .....	—	75\$00	150\$00
(Registada) .....	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Uma chavena d'  
**'OVOMALTINE'**

*pela manhã  
dá energias para um  
dia de trabalho  
ao deitar  
assegura um sono  
tranquilo e natural.*

À venda em todas as Farmácias, Drogeries e Mercadorias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A. - BERNE

ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:

ALVES & C.ª (IRMÃOS) - RUA DOS CORREIROS, 41-2.ª - LISBOA

**GOTOSOS E REUMATICOS**

Em menos de 24 horas, podis acalmar as vossas dores com o

**ESPECIFICO BÉJEAN**



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**  
**OS REUMATISMOS**  
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica  
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez  
da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias  
**Produits BÉJEAN - Paris**

**A Pele Embranquece**

Ao Contacto  
de Uma Nova  
Substância

**Mágica**



Descoberta de um Químico,  
por um Feliz Acaso

Quando um Químico parisiense deixou cair, acidentalmente, um pouco de «Branco de Oxigénio» puro em cima do braço nu, não imaginava que acabava de ser feita uma maravilhosa descoberta para embranquecer e purificar a pele. Mesmo à sua vista se destacavam as rugosas escamas da pele, e desapareciam as imperfeições e as manchas, revelando uma nova epiderme fresca e clara, dum textura branca e fina. Experimentando no rosto de numerosas senhoras, tornou-lhes a pele de 3 a 5 tons mais branca e deu-lhe uma indiscutível macieza aveludada, semelhante à das partes delicadas e cuidadosamente protegidas do corpo.

Por privilégio exclusivo, é-te «Branco de Oxigénio» está agora contido no Novo Crème Tokalon, Cór Branca (não gorduroso). Penetra na pele, que purifica, dissolve e faz

desaparecer todos os pontos negros, contrai os poros dilatados e dá à tez um novo brilho luminoso, nunca obtido antes com qualquer produto de «toilette» ou de beleza. Apesar da adição do «Branco de Oxigénio» ao Novo Crème Tokalon, Cór Branca, o seu preço não foi aumentado. Comece V. Ex.ª a empregá-lo hoje mesmo e verificará os seus resultados rápidos. O sucesso está garantido; de contrário, será reembolsado do seu din'heiro.

À venda em todas as perfumarias e boas casas da especialidade. Não encontrando, escreva ao DEPOSITO TOKALON - 88, Rua da Assunção, Lisboa - que atende sem demora.

**A aparecer:**

EUGÉNIO DE CASTRO

**ÚLTIMOS VERSOS**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

75, Rua Garrett, 75 - LISBOA

# À VENDA O ALMANAQUE BERTRAND

para **1938**

39.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

*Unico no seu género*

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

**RECREATIVO E INSTRUTIVO**

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

**LIVRO MUITO MORAL**

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

**PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS**

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

**Encontra-se à venda em tôdas as livrarias**

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 422 gravuras, cartonado . . . . . **10\$00**

Encadernado luxuosamente . . . . . **18\$00**

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS  
RESULTANTES DE PROFUNDAS  
INVESTIGAÇÕES**

## **Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia**

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINÉ

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais



A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos caracteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.  
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodiáco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10\$00**, pelo correio à cobrança, **Esc. 12\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

## **LIVROS DE ESTUDO**

para o ensino infantil,  
primário, secundário, superior e técnico  
NACIONAIS E ESTRANGEIROS

**Livros de Medicina**

**Livros de Direito**

**LIVROS COMERCIAIS E INDUSTRIAIS**

**Dicionários portugueses**

de Cândido de Figueiredo,

Biblioteca do Povo e outros e de tôdas as linguas

**TODOS OS LIVROS DE ENSINO**

para os liceus, escolas infantis, primárias, secundárias, superiores, técnicas e comerciais, e todos os

**LIVROS DE LITERATURA**

de todos os editores, tanto nacionais como estrangeiros, são remetidos à cobrança para todos os pontos do País, e encontram-se à venda na

**LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

**Novidade literária****ROLÃO PRETO****REVOLUÇÃO ESPANHOLA****ASPECTOS - HOMENS - IDEIAS**

Depoimento sobre a guerra civil espanhola e o movimento da falange nacional-sindicalista

1 vol. de 214 págs. ilustrado, broc., **Esc. 10\$00**  
Pelo correio à cobrança . . . . . **Esc. 11\$50**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**COLECCÃO FAMILIAR P. B.**

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas sómente obras que, embora se esteiam na fantasia e despertem pelo entreccho romântico sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a moedade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escrinio de virtudes conjugais.

**Volumes publicados:****M. MARYAN**Caminhos da vida  
Em volta dum testamento  
Pequena rainha  
Divida de honra  
Casa de familia  
Entre espinhos e flores  
A estátua velada  
O grito da consciencia  
Romance duma herdeira  
Pedras vivas  
A pupila do coronel  
O segredo de um berço  
A vila das pombas  
O calvário de uma mulher  
Anjo do lar  
A força do Destino  
Batalhas do Amor  
Uma mulher ideal  
Ilusão perdida**SELMA LAGERLÖF**Os sete pecados mortais e outras histórias  
Cada vol. cartonado . . . **Esc. 8\$00**Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
75, Rua Garrett, 75 — LISBOA**A LEITURA DELEITA E INSTRUE**Deve pois facilitar-se  
a aquisição dos bons livros**A LIVRARIA BERTRAND**vai continuar a venda a prestações das boas obras conforme já iniciou com a **HISTÓRIA UNIVERSAL**, de *G. Oncken*, para o que estabelecerá um sistema especial de vendas que denominará de**Crediário Cultural**

Por êste sistema,—novo processo de vendas adoptado nalguns países da Europa e especialmente da América,—contribui-se para a cultura dum povo, facilitando-se a aquisição das obras dos mais notáveis autores.

Prestações mensais desde vinte e cinco escudos segundo a importância da compra, sempre com a bonificação do sorteio e com direito à escolha de obras mencionadas em catálogo especial.

Dentre outros autores figuram nesse catálogo as obras dos seguintes:

*Alexandre Herculano, João de Deus, Conde de Sabugosa, Júlio Dantas, Antero de Figueiredo, Eugénio de Castro, Aquilino Ribeiro, Agostinho de Campos, Maria Amália Vaz de Carvalho, Pinheiro Chagas, Júlio Deniz, Samuel Maia, Afonso Lopes Veira, Albino Forjaz de Sampaio, Sobral Cid, Eduardo Coelho, Gonçalves Viana, Cândido de Figueiredo, Henrique Lopes de Mendonça, Camilo, Trindade Coelho, Rebelo da Silva, Malheiro Dias, João de Barros, Sousa Costa, João Chagas, António Feijó, Wenceslau de Moraes, Vitorino Nemésio, Teixeira de Pascoais, António Patrício, António Cabral, Manuel de Sousa Pinto, Asdrubal de Aguiar, Eduardo Noronha, Alberto de Oliveira, Raul Brandão, Paulo Barreto (João do Rio), Vilor Hugo, Júlio Verne, Alexandre Dumas, Blasco Ibañez, Guido da Verona, Marjany, Marden, Zolá, Amicis, Mirbeau, Dantec, Benoit, Bourget, etc., etc.*Interessantes colecções como a da *Biblioteca de Instrução Profissional*, (mais de 50 volumes), *Antologia Portuguesa*, *Antologia Brasileira*, *Colecção Familiar P. B.* (romances morais próprios para meninas e senhoras), *Biblioteca de Filosofia Científica*, *Colecção de viagens maravilhosas* (80 volumes), *Dicionários do Povo* (para várias linguas), etc.Monumentais edições como a da *História da Literatura Portuguesa*, 3 volumes, *Pupilas do Senhor Reitor*, edição de luxo com magníficas gravuras de Roque Gameiro, *Orlando Furioso*, *Tojos e Rosmaninhos*, etc., etc.**Entrega imediata das obras  
contra o pagamento da 1.ª prestação****Uma boa colecção de obras  
de grandes autores dá categoria  
a quem a possui.**

Peçam informações à

**LIVRARIA BERTRAND**

A mais antiga livraria de Portugal

**Rua Garrett, 73 — LISBOA**



**Horas sem sofrer..**

*Horas felizes*

Ela tem a certeza absoluta disto e vive, por conseguinte, uma vida livre de dores. E é tão simples eliminar completamente a dor, a inimiga nata da alegria!

Um ou dois comprimidos de

**Cafiaspirina**

cortram em poucos minutos as dores de cabeça e de dentes no seu início e sentimo-nos de novo bem dispostos e animados.



**SAMUEL MAIA**  
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

**O MEU MENINO**

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoccer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., 17\$00; broc., 12\$00

Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**

73. R. Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 9.<sup>a</sup> edição

**D. PEDRO E D. INÊS**

«O GRANDE DESVAYRO!»

Romance por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 vol. de 324 páginas, brochado, com capa a côres e ouro, Esc. 12\$00; pelo correio à cobrança, Esc. 14\$00

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**Estoril-Termas**

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

**PARQUE DO ESTORIL**  
ABERTO TODO O ANO

Banhos de água mineral e de água do mar quentes, Banhos CARBO-GAZOSOS, Duches, Irrigações, Pulverizações e Inalações, etc.

ONDAS CURTAS. DIATERMIA. Raios Ultra-violetas e Infra-vermelhos. Electricidade médica. MECANOTERÁPIA e Maçagens.

**MAÇAGISTAS ESTRANGEIROS ESPECIALIZADOS**  
**CULTURA FÍSICA**  
**AQUECIMENTO CENTRAL**

Consulta médica das 9 às 12 — Telef. E. 402. (P. B. X.)



Dr. Benguê, 16, Rue Ballu, Paris.

**BAUME BENGUÊ**

Apr. D. S. P. em 0.3.1913.500.0 N.º 28

**RHEUMATISMO-GOTA**  
**NEURALGIAS**

Venda em todas as Pharmacias

**PAULINO FERREIRA**

**:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::**

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,  
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

**CASA FUNDADA EM 1874**

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo**

**Orçamentos Grátis**

**Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA**

**Telefone 2 2074**

PROPRIEDADE  
DA LIVRARIA  
BERTRAND

REDACÇÃO E  
ADMINISTRA-  
ÇÃO: RUA AN-  
CHIETA, 31, 1.º  
TELEFONE: -  
2 0535

N.º 287 - 12.º ANO  
1 - DEZEMBRO - 1937

# ILUSTRAÇÃO

*grande revista portuguesa*  
Director ARTHUR BRANDÃO

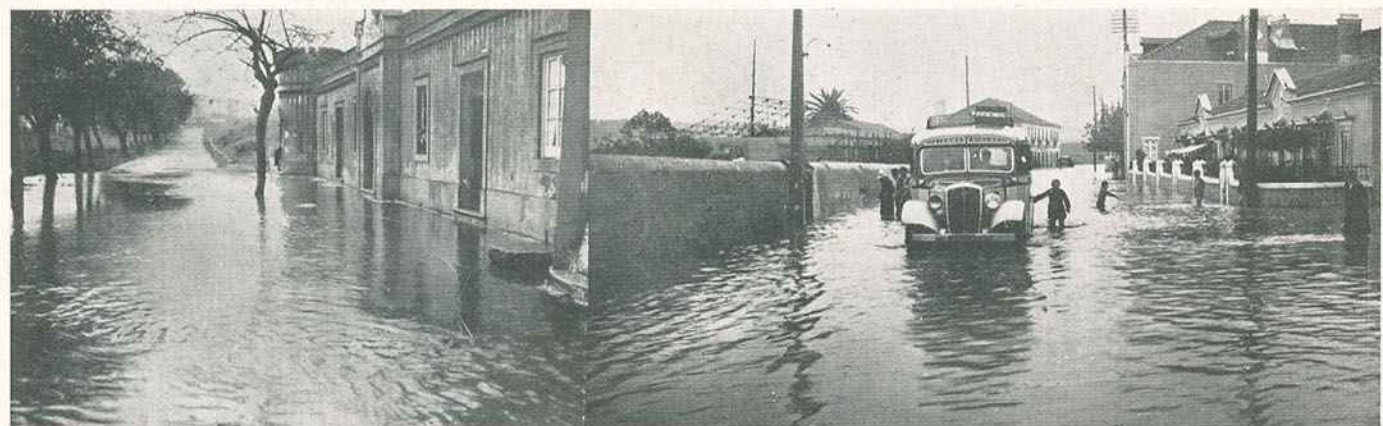
Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

1.º DE DEZEMBRO DE 1640



O padre Nicolau da Maia, ardendo em fé patriótica, comanda o ataque a uma das portas dos Paços da Ribeira

# A FÚRIA DO TEMPORAL



As últimas chuvas causaram graves prejuízos não só em Lisboa como nos arredores, podendo dizer-se que os campos do Ribatejo e as hortas dos arredores da capital foram quasi totalmente destruídos com as inundações, sendo arrebatados pelas águas muito gado e alfaias agrícolas. A população lisboeta, devido à chuva que não parava e ao vento que fazia crescer assustadoramente as inundações, não podia comunicar com o resto do País, a não ser, e dificilmente pelo caminho de ferro. Em face desta amostra, pois o inverno começa agora, pergunta-se se teremos o suplício de seis meses de chuva como há dois anos... Mas todos estes horrores tem a sua parte de pitoresco como as gravuras que publicamos nesta página atestam eloquentemente. Vejamos: *Em cima, à esquerda*: um eléctrico da carreira do Lumiar imobilizado no Campo Grande que mais parece um grande lago. — *A' direita*: um curioso aspecto do Terreiro do Paço que as ondas beijam com os seus costumados afaços. — *Ao centro, à esquerda*: a estrada de Benfica transformada num rio murmuroso. — *A' direita*: uma camioneta da carreira de Queluz bloqueada pela inundaçào na Venda Nova. — *Em baixo, à esquerda*: Na Póvoa de Santo Adrião, os campos e a estrada transformados num verdadeiro lago, onde apenas faltam os cisnes. — *A' direita*: uma rua transformada em rio na Ribeira de Santarém



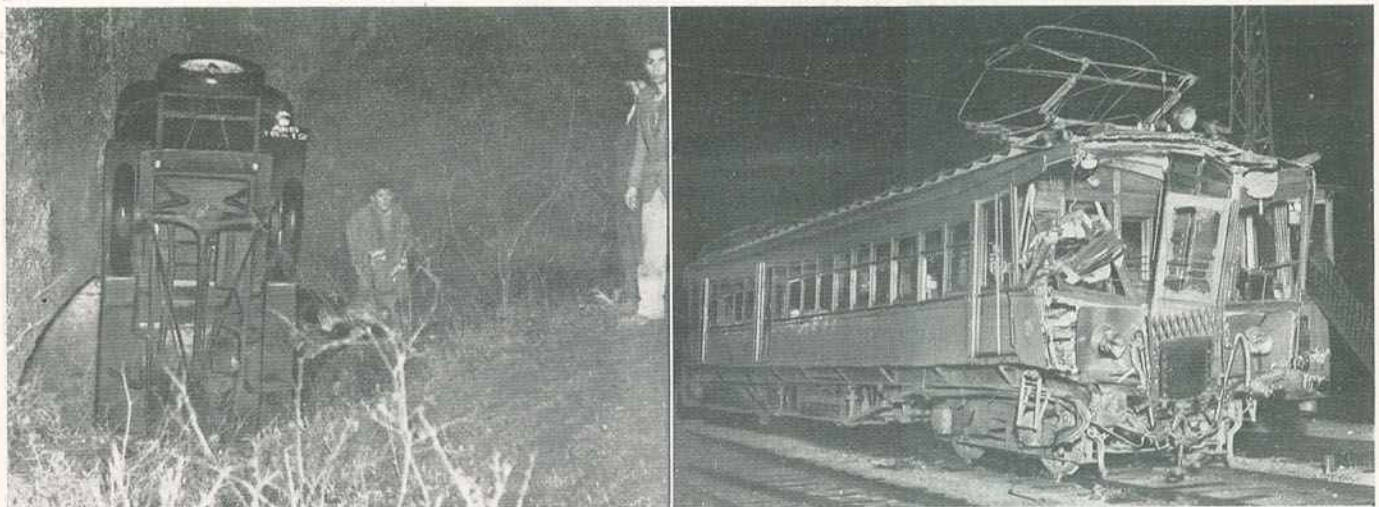
## ACTUALIDADES DA QUINZENA



Na Academia das Ciências realizou-se a sessão comemorativa do cinquentenário da cidade de Lourenço Marques, tendo sido proferidos notáveis discursos sobre a história da cidade e sua colonização. A gravura apresenta o representante do Chefe do Estado, ministros, oradores e outras entidades oficiais. — A' direita: O sr. ministro da Marinha com os oradores e outras personalidades na Sociedade de Geografia por ocasião da sessão comemorativa do 477.º aniversário da morte do Infante D. Henrique



Na Sociedade de Geografia a escritora D. Amália de Proença Norte realizou uma notável conferência sobre o cinquentenário de Lourenço Marques em que afirmou que a celebração desta data «adquiria nesta hora de forte rejuvenescimento nacional e de graves perturbações externas uma alta significação política, não só por demonstrar que ao lado de colónias ricas nunca sentimos deslumbramentos e corajosamente soubemos trabalhar e vencer». — A' direita: O professor Tomás Borba com os professores e alunos do Conservatório, que lhe prestaram a homenagem de despedida



Nas alturas da Ponte da Ramada, entre Odivelas e Caneças, despenhou-se um automóvel por uma ribanceira, salvando-se incompreensivelmente os seus passageiros que tendo recolhido a casa, por seu pé, foram considerados mortos durante algumas horas. A gravura mostra a posição em que ficou o carro. — A' direita: Entre Santos e Alcântara chocaram dois combóios, devido ao descuido de um telegrafista, ficando feridas dezoito pessoas. O estado em que ficou um dos combóios

# NOTAS DA QUINZENA

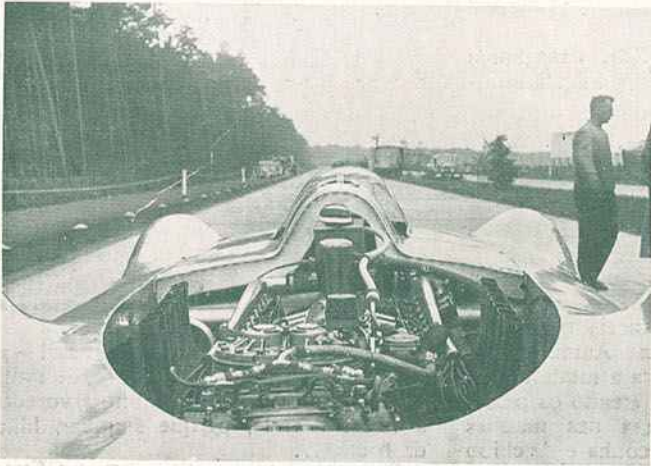


Passando o aniversário natalício do sr. Presidente da República, foram-lhe prestadas as mais significativas homenagens de bem merecido apreço. Estas demonstrações de carinho e afecto provaram eloquentemente o quanto é querido a todos os portugueses o venerando Chefe do Estado. — Em cima: o sr. general Carnona com os delegados das Juntas de Freguesia e as crianças. — Ao centro: os srs. Presidente da República e do Conselho conversando. — A' direita: outro aspecto da homenagem das Juntas de Freguesia

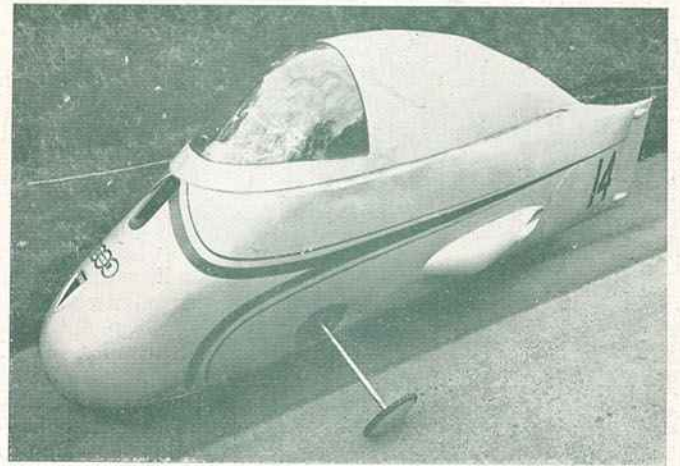


O chefe do distrito na sua visita ao «Amparo à Criança» — obra humanitária que bem merece o maior auxílio de lódas as almas bem formadas. — A' direita: a mesa de honra no banquete do Rotary Club de Lisboa, nos salões do Avenida Palace. No final realizou-se um baile que se prolongou com grande animação até alta madrugada

# ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS



Um carro de corrida que a Alemanha apresentou na auto-pista de Francfort do Meno-Karlo-ruhe, iniciando a realização da primeira parte da sua promessa de enfrentar todos os records mundiais de automobilismo



Uma motocicleta aero-dinâmica que há dias apareceu na estrada Francfort do Meno-Heidelberg e que tanto interesse tem despertado não só pela sua forma exótica como pela velocidade adquirida



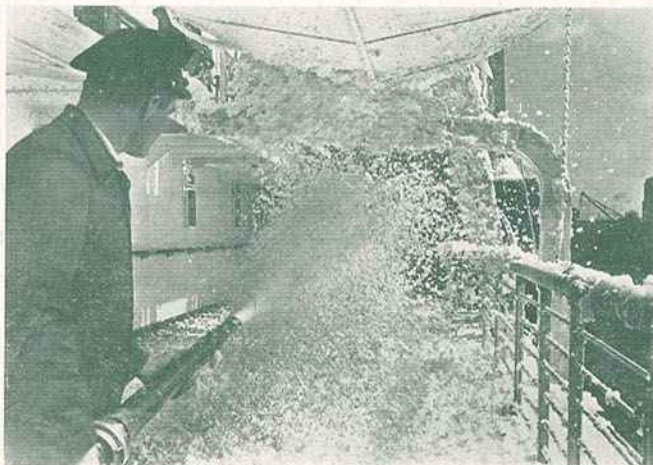
A mais antiga estalagem alemã. Fica em Millenberg sobre o Meno e é construída em madeira no estilo medieval



Disputa de velocidade entre um avião e um automóvel em Francfort do Meno — Heidelberg, ficando vencedor o avião



Uma verdadeira vocação para o ski, patenteando-se em toda a verdade, sem constrangimentos nem imposições



Mancira de apagar um incêndio a bordo, mesmo até os mais perigosos. A nossa gravura mostra um marinheiro extinguindo um incêndio de azule, obtendo os mais seguros resultados



Exercícios da policia alemã, vendo-se um dos agentes, com o equipamento completo, num duplo salto em que mostra a sua destreza e o vigor indispensável às suas espinhosas funções



ingente dôr, fugindo aos incêndios, a embuscar-se nas moitas dos invios trilhos da montanha, e até as crianças, no temerário desvaio, vão gritando! *Ao lobo! Ao lobo!*

E, açulados, cães da Estrêla rasgam e esventram moribundos, na trágica montaria...

Porventura Muceia, vila já no século IX, com a mesma ferocidade sustentara a reconquista cristã...

Honremos a antiguidade veneranda, devorando — o almôço.

E, assim, firmamos culto do passado, na estalagem...

No ponto onde estanca o Rochet-Schneider, da Empresa Automobilista da Beira, se fazia outrora a muda de cavalos da diligência, entreendo os passageiros tamanha delonga nas mesmas orgias de vinho de Casconha e de chibô de Poiars, com que nos assinalámos!

Antes das onze, o auto arfava na subida. Um bando de aves voava alto, em semicírculo, destacando somente uma pequena avançada de alarme, com a flecha vigilante.

Numa volta, o piso areado, o terreno barrento, succedendo ao schisto, um carvalho solitário, entestando um pinhal novo, na quebrada uma vinha, e ravinações de enxurrada... Esta é a entrada do Moutinhal, à Alagoa, no meu conchelo de Mortágua! Se me houvessem conduzido aqui de olhos vendados, apenas liberto, sorrindo da partida, confiadamente, continuaria com placidez, direito a casa, pelo caminho de Monte Grande.

Repetem-se as fisionomias, repetem-se as almas, e há sócias na paisagem...

Vencida a ladeira, rolamos em plano. De novo a neblina desce. Na transparência aquosa, esguias, apumadas, milhares de árvores sem folhagem, suspendem milhões de ninhos! Que aves fantásticas vestiram estes troncos, cobrindo festivamente a mudez dos galhos, erguendo na solidão a Cidade de Sonho, onde batem asas o amor e a maternidade?

Aproximando nos, a ilusão evasí-se. O Fôgo criou a cenografia incomparável.



Santo António das Olivais

## VIAGENS NA NOSSA TERRA

# Através da grata estrada da Beira

Por entre as galas da Natureza e as minhas evocações do Passado

Fulminados pelo incêndio, os pinheiros embalam, nos seus braços hirtos, as pinhas que, mordidas pelas labaredas infecundas, são na realidade ninhos mortos...

Mas — como a natureza é artista! — o auto passa rápido, e, ao longe, de novo flutua na miragem o estranho arvoredo, a irreal floresta, parque singular, filho da bruma...

Para lá do Alva, avista-se Farinha-Pôdre, vila que os seus filhos, dispersos tantos pelas cinco partes do mundo, apelidaram S. Pedro de Alva. E afirma-se pelo seu estrênuo labor o seu direito de crisma: a riqueza transformou agrícolamente a região e a indústria anuncia-se vitoriosamente pelas chaminés de novas fábricas.

Perto, aquêem ou além Mondego, ficam Friumes, Penacova, Gondolim, Oliveira do Conhedo, Carvalho, Sazes, Figueira, Paradelá e Lorvão — com o seu convento magnífico.

Os pinhais cerram-se; a estrada é uma clareira de floresta...

Para o automóvel, O *chauffeur* buzina; o eco responde, prolongadamente.

Uma criança chega, trazendo malas do correio; suspende o apêlo.

Mas não partimos ainda, porque, avistado, o condutor manda esperar. E ali fazemos...

Numa dobra de terreno um lenço agita-se. Depois, aparece uma senhora, avançando sem pressa, num fidalgo vagar. O condutor vai ao seu encontro, e descobre-se.

Enfim criados irrompem; despejam-nos em cima cestos, malas, sacos, tôda uma carregação...

A senhora senta-se no vago lugar de Estefânia Malafafia. E só então reconheço a morgada de Alvelos, obesa, oleosa, vestindo luxuosamente, mas sem elegância, bem diferente do que foi há quinze anos, quando a encontrei no Luso, tratando o artritismo do marido e cultivando os admiradores da sua opulenta beleza.

Olha-nos, a todos com ares de soberania. Mas, subdito rebelde, escapo ao domínio, por alturas de Poiars, adormecendo...

E pela estrada velha, na escuridão, o corcel de Afonso Henriques vai à rédea solta. Desacompanhado, o Rei precipita-se em desabalada correria.

Léguas e léguas o tropear do cavalo brada a sua rude fúria.

Um enviado do Papa lançára, de Coimbra, pela calada da noite, o interdito ao reino...

Onde irá já o Dom Cardeal?

E Afonso Henriques mais de rijo espoireia, e silencioso, traspassa montes e vales como um fantasma.

Na cidade, o povo ficára, erguendo ao céu gritos de misericórdia, vãs e alucinadas súplicas, às portas dos templos. Até os brônzeos homens de armas tremem, ao pavor do inferno.

— Mas como hesitará Deus entre aquele vil clérigo e o príncipe que defendeu a Cruz, rasgando no peito as Cinco-Chagas? Deus de Ourique!

Perto de Poiars, Afonso Henriques



Arco de Alameda

pára, perscruta, distingue vultos. Voa num último galope. E, num rugido, cai sobre o Dom Cardeal, arranca-o da mula como um ôdre, alira-o ao chão... Os do séquito fogem, atônitos. E o Demônio o cavaleiro?

O clérigo ergue-se, implorante. E, obedecendo, ali mesmo se reveste e põe a mitra, e balbúcia, e gagueja, e gesticula. A excomunhão se levanta...

O Espadeiro e o Braganção, com outros, chegam. E, das povoadas próximas, estremunhados, acodem moradores que a tropeada despertou.

Apresadas as bagagens — paramentos, alfaias, pedrarias, ouro, pergaminhos — e tomados refens, o Cardeal é despedido...

Aclara o dia. O Rei volta a Coimbra. Junto à Vimeira, um malado, de cruz alçada, põe-se à frente do cortejo. É uma longa procissão, farandolando pelos campos, entre frenéticos clamores. Na manhã primaveril os rouxinóis gorgeiam líricas, tonos do perfume da anunciante flôr do pessegueiro. Pombas, espantadas, despendem vôo contra o carvalho da encosta.

Topando um regato claro, que desliza entre menestros e mato molarinho, Afonso Henriques desmonta, e, cercado da turba, ajoelha e bebe de bôrco, como um simples jugadeiro.

Todo o seu semblante ri, agora. E, com as costas da mão, limpa a água, escorrente da barba revôlta...

Quando desperto, já o doce falar de Coimbra canta a meus ouvidos:

*Toma lá colchêtes de ouro,  
Aporta o teu colchêto;  
Coração, que é de nós ambos,  
Deve andar onchegadinho...*

Vamos na Portela. Os campos do Mondego começam. Pomares sombreiam

a leve tímida. A laranja oferece-nos ainda a delícia dos seus gômos, e, de entre o esplendor dum vivo tumulto vegetal, ressaem tentadoras, as maçãs de polpa fina, tenra e aromática, as pêras sucosas, as ameixas sacarinas, os pêssegos ardentes, os figos, as langerinas, as limas, as romãs — tôda uma sobremesa olímpica! Nos pendôres do vale, sob as nogueiras e castanheiros frondosos, a vinha braceja, numa vaga esmeraldina.

Junto às noras moiriscas, que vão sempre rodando na aguagem do rio, alastram os ta-



Ruínas do antigo convento de Santa Cruz

lões de melancia, de melão, de morango — dominando a horticultura, tão variada e tão rica, os feijoades de atrepa, que engrinaldam as altas cruzadas, ao limiar dos milhos verdes, de largas folhas, já, sob o canoilo apumado das bandeiras, apendoando fartas espigas.

E o olivêdo, subindo à lombada dos montes, espalha cinzas de melancolia sobre a viva alacridade das várzeas...

A luz quente rutila, e desce, dos cimos onde é violácea, em tôdas as tonalidades, até ao meio do vale onde é fulva, como o éter vibrando.

Coimbra! Além do rio, a Lapa dos Esteios, a quinta das Lágrimas, Santa-Clara, Almgue; na margem direita, os Tovins, Calibé, a Arregaça. Sobre o Jardim Botânico e S. Bento, a Torre da Universidade corôa o burgo medieval. E, ao longo da colina eminente, o Seminário, as Ursulinas, o Penedo da Saúde Cumia e Santo António...

A Estrada da Beira finda. Um último laranjal convizinha a Alameda.

Ao fundo, o Choupal é um oceano de verdura onde o Mondego parece desaguçar.

Uma véla pálpita no rio, junto ao Cais. E uma pulverisação de ouro cai sobre a cidade...

LOPES D'OLIVEIRA.



A doce paisagem que envolve Coimbra

# AS DUAS FACES DO AMOR



rece e tudo se nos mostra mais sombrio.

Os temperamentos amorosos, com o sangue a esquentar, gostam destes amores assim.

Mas isto só pode ser uma aventura fugaz, uma fogueira súbita, cujo calor se aproveita e não se goza, porque o tempo urge e o fogo depressa se apaga.

Depois vem o aborrecimento, o tédio, porque o entusiasmo passou, e as duas criaturas olham-se desiludidas, já despidas do encanto que o deslumbramento mútuo lhes emprestara, por momentos que podem arrastar-se dias, semanas, meses até, mas que têm o seu fim marcado para breve.

Se o homem é inconstante, é precisamente porque se deixa prender por esta face do amor.

Ela satisfaz-lhe com maior intensidade a sua vaidade de macho-gozador, mas daí a pouco

ele sente a náusea de tão ansiados acepipes, e vê-se saturado de estremecimentos nervosos que o fatigam sem saciarem a sua fome de amor, porque o amor que preenche toda a nossa necessidade de carinho é o outro — o amor de alma que reparte com o corpo os seus prazeres, sem considerar-se seu escravo.

Foi este amor violento feito apenas de essência carnal que perdeu esses dois enamorados, que findaram tão dolorosamente o seu romance.

Quem sabe se a oposição familiar não era um pressentimento do que o destino lhes reservava?

Os filhos não escutam nunca os conselhos dos pais, que são os conselhos da experiência.

Aquelas duas criaturas, cujos corpos tinha afinidades amorosas, eram diferentes de alma.

Nunca se entenderam pelo espírito, não trataram de criar um elo indissolúvel — o elo da amizade do coração que é o único que prende com fortes laços e pode ir longe, mesmo sem a cumplicidade do carne pecadora.

Parece que já andavam fartos — o homem, pelo menos, que é quem mais depressa se enfastia — parece que andavam saciados desses arroubos violentos que aniquilam a razão.

E daí veio o desprendimento que os levou ao desespero do ciúme dela.

Triste lição para certas cabecinhas malucas que não querem ouvir a voz dos que já viveram e sofreram, e pretendem evitar-lhes tormentos iguais, aconselhando-as.

Pois é verdade; o amor com as suas duas faces é a tortura da humanidade,

ao mesmo tempo que é a sua consolação.

Saber escolher, seria o ideal. Mas quem pôde mandar no coração e, nalguns casos, no cérebro?

Nem um nem outro são fáceis de dirigir, quanto mais de domar.

A força de vontade é contudo uma autêntica força, quando se sabe empregá-la.

Todos os jovens de ambos os sexos que vejam que o amor que os ataca é esse amor cheio de violências que pode levar até ao crime, devem tratar de aniquilá-lo logo no princípio, antes que a labareda se acenda e queime todas as reservas de energia.

Diz Debay que "mais vale experimentar a dor dum amor morto à nascença, do que a desilusão e a condenação para sempre a uma vida desgraçada, semeada de desgostos, de vergonha e de arrependimento."

A diferença de meios sociais é muitas vezes um obstáculo à união de duas criaturas que se amam e que não raro se amam com este amor destrambelhado que escraviza os sentidos e cega o entendimento.

É aqui que a família das duas partes em jogo deve andar com a máxima diplomacia, a que o autor citado chama "higiene do amor", que consiste em não contrariar abertamente essa inclinação, que com a oposição declarada só aumentará de vigor.

É preciso falar ao coração dos namorados, com suavidade, fazer-lhes compreender que esse amor será a infelicidade de ambos, que não convem à sua estrutura moral, embora à primeira vista pareçam entender-se muito bem. É preciso...

Camões, com a sua grande autoridade, afirmou que

*Amor é fogo que arde sem se ver;  
É ferida que dói e não se sente;  
É um contentamento descontente;  
É dor que desatina sem doer.*

Mas também reconhecia que

*... como causar pode o seu favor  
Nos mortais corações conformidade  
Sendo a si tão contrário o mesmo Amor?*

Outros altíssimos espíritos se pronunciaram sobre este tão complicado como incompreensível sentimento.

Afinal todos os tratados que se têm escrito sobre o amor são letra morta. Os conselhos para cérebros inflamados pelo fogo da paixão são tempo são tempo perdido.

Todos somos tributários do mal do amor — mal incurável, contagioso — mal necessário e cruel.

MERCEDES BLASCO.

O escritor francês Debay, autor de uma série de livros muito interessantes sobre a felicidade e os prazeres da vida, escreve no seu volume, *Hygiène des plaisirs*, estas palavras sobre o amor, que vêm justamente a propósito para comentar essa cena trágica que os jornais há dias noticiaram e que pôs fim à vida de dois seres que pareciam querer-se profundamente: "O amor desenvolve gozos inefáveis, mas faz nascer muitas dores e prepara muitas desilusões."

Que o amor, como ele diz, é a felicidade da existência, que é o reparador dos desastres da morte, dando constantemente ao mundo novos seres, todos nós sabemos e sentimos.

O pior são as duas faces que o amor tem — a que sorri e a que faz trejeitos trágicos.

E diz o mesmo autor que a primeira face é a do amor tímido, sentido, devotado, amor que se sustenta de poesia.

A segunda face pertence ao amor violento, fogo, ciumento — um amor despota que tudo avassala e tudo tiraniza.

O primeiro é o amor na sua essência mais pura, o que resiste à sociedade e ao tempo.

É o amor que une os esposos felizes que se amam socegradamente, sem transportes materiais, mas sempre com ternura igual, um amor onde há mais alma do que matéria, cumprindo sem excessos a sentença divina para a multiplicação da espécie.

É este o amor que todas as raparigas devem querer sentir e devem desejar que sintam por elas.

É assim e só assim que conseguirão formar um lar tranqüilo, onde nunca entrará o aborrecimento.

O amor-paixão tem apenas a vida efêmera dum relâmpago. A sua luz é mais viva, encandeia, mas logo desaparece.

# OS DESFALECIMENTOS DE EUGÉNIA DE MONTIJO

COMO FOI ASSASSINADO O CONDE DE CAMERATA

O palácio das Tulherias, residência preferida de Napoleão III, estava em festa. O imperador dos franceses dava, nessa noite, uma recepção em honra de sua esposa, a formosa andaluza que, cinco dias antes, ao som dos clarins, dos tambores e do canhão dos Inválidos, conduziu a Notre Dame (no mesmo coche dourado, em que meio século antes seu tio Napoleão I levava Josefina à cerimônia da coroação) a fim de receber, das mãos do arcebispo Sibour, a benção nupcial que lhe traria a posse tão ardentemente desejada, dessa criatura.

De novo, a França tinha uma soberana. De novo, uma mulher se sentava no trono, envolvida nos arminhos imperiais. De novo, havia nas Tulherias uma senhora absoluta que em graça, elegância e beleza poderia rivalizar com essas outras soberanas — tão esquecidas já — que ali tinham vivido e brilhado.

Eram muitas as recordações das grandiosas épocas volvidas que estavam ligadas às paredes daquele palácio.

Ali, no tempo das "lindas e honestas senhoras", descritas por Brantôme, tinha Margarida de Valois — a formosa princesa, de tranças de azeviche e olhos côm da noite, de que nos restam alguns retratos de Clouet — deslumbrante no seu traje de brocado de ouro sobre o enorme verdugadim espanhol, dançado a pavana e o *razzamento* com o irresistível duque de Guise.

Ali, no tempo em que o poder dos senhores das flores de lis declinava num poente sangrento, tinha Maria Antonieta — a olímpica arquiduquesa de Áustria, cuja loira e altiva beleza o pincel de Vigée Lebrun fixou para a imortalidade — envolta nos amplos *paniers* de seda florida de Lyon, vivido os seus últimos meses de realza.

Ali, no tempo em que as águias napoleônicas percorriam a Europa de vitória, em vitória, tinha Josefina de Beauharnais — a encantadora crioula de olhos de safira que Prudhon tão admiravelmente retratou — deliciosa nos seus vestidos de diáfana musselina e coberta de pedrarias, presidido às mais esplêndidas recepções.

Mas isso eram páginas volvidas nos anais das Tulherias. O terrível e implacável destruidor que é o tempo, passara, fazendo desaparecer todos esses astros ofuscantes e os seus refulgentes satélites.

Perdiam-se já, nas brumas do passado, as soberanas pintadas por Clouet, Vigée Lebrun e Prudhon. No entanto, o período de esplendor das Tulherias não acabara para sempre com esses desaparecimentos, antes pelo contrário. A elevação ao trono duma mulher jovem, bela, ávida de luxo e de prazer, desejosa de eclipsar a tódas as damas de Paris pela sua sumptuosidade e elegância como Eugénia de Mon-

tijo, assegurava às Tulherias um futuro de esplendor, um pouco impregnado, é certo, desse tom *canaille* que foi a nota dominante dos meados do século XIX, mas, não obstante, repleto de magnificência e dandismo.

A recepção daquela noite era apenas o prelúdio dessas outras tantas festas, muito mais imponentes ainda, que fariam do segundo Império uma autêntica orgia dourada.

E que magnífico prelúdio aquele!

Todo o palácio, desde o majestoso vestibulo, onde os laçaios, revestidos das suas librés de gala e cabeleiras empoçadas, recebiam os agazalhos, até à grande escadaria forrada de Gobelins alusivos à fábula de Daphne, onde se passava por entre uma dupla fila de guardas couraçados de prata; desde a galeria da Paz à galeria de Diana, desde o salão branco ao salão de Apolo, estava esplêndidamente iluminado. Milhares de velas de cera perfumada, elevando-se nos lustres de cristal irisado, misturavam a sua doce claridade à brilhante luz do gás e esses fogos deslumbrantes repetiam-se e multiplicavam-se nos soberbos espelhos de Veneza que ornavam as salas.

Uma enorme multidão, composta de tudo que havia de célebre, de elegante e de ilustre em Paris, aglomerava-se nos salões dourados das Tulherias. Toda a família imperial, corpo diplomático, representantes da nobreza do primeiro Império, grandes nomes aliados à política bonapartista, notabilidades das Artes, Letras e Ciências tinham sido convidadas para a recepção dessa noite, a fim de serem apresentadas a Sua Majestade Eugénia de Montijo, imperatriz dos franceses.

Era, na verdade, deslumbrante, pela sua inexcelsível sumptuosidade e requinte, o aspecto geral dos convivas.

No meio da turba dos *fraques* bordados que a etiqueta da corte imperial impuzera como traje de *soirée* aos civis, destacavam-se, nitidamente, em pinceladas garridas, as fardas ornadas de ouro e condecorações dos diplomatas; os faustos uniformes dos oficiais franceses; os riquíssimos fardamentos dos camaristas pertencentes à Casa do Imperador e da Imperatriz e, numa gama de côm, as manchas policromas dos vestidos femininos.

A crinoline absurda ainda não implantara o seu reinado, mas já há muito que a saia de balão entrara triunfantemente em voga e, como num jardim iluminado à veneziana encontravam-se balões de todos os coloridos e formatos nas salas do palácio das Tulherias. Havia balões vermelhos como purpúreas rosas de Andaluzia, brancas como açucenas virginais, amarelas como girassóis campestres, roxos como violetas de Parma e azuis como miosotes dos lagos.



Eugénia de Montijo no dia do seu noivado

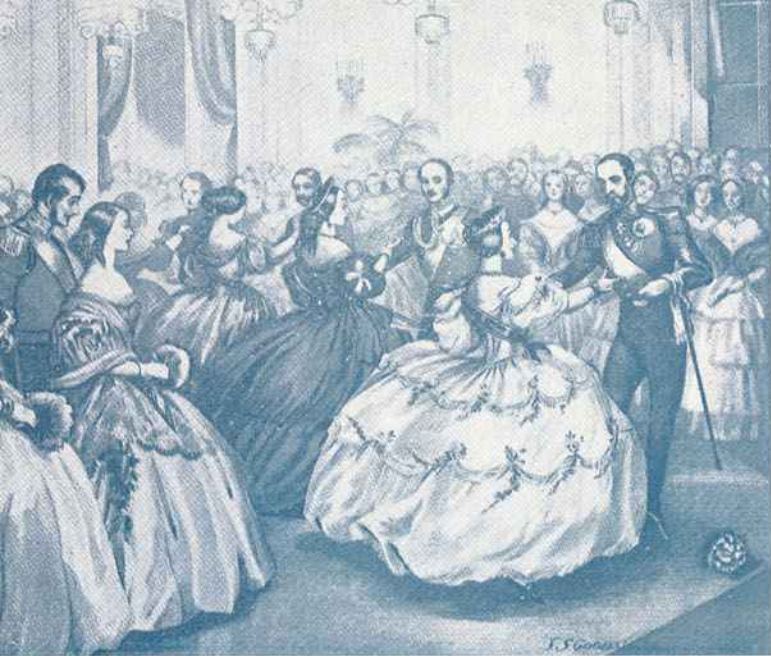
Bastos fios de pérolas côm da neve, das rosas e do nácar derramavam-se sobre os colos nus das damas. Outras, mais opulentas ainda, ostentavam magníficos colares de brilhantes que chispavam mil fogos à claridade dos lustres.

Dir-se-ia que um tesouro maravilhoso, descoberto por uma nova lâmpada de Aladino, se pantenteava no palácio imperial. Viam-se, rodeados de cercaduras de diamantes, rubis que pareciam gotas de sangue solidificadas; safiras côm do céu na madrugada; turquezas de matiz idêntico ao do firmamento no ocaso; esmeraldas verdes como pupilas de ondina; ametistas sombrias como gemas episcopais; opalas rosadas, de reflexos anilados, semelhantes ao arco-íris e topázios áureos como o sol.

Achavam-se reunidas nos salões do palácio as mais formosas mulheres de Paris e mesmo algumas célebres belezas mundiais. Dificilmente um artista, por muito exigente, encontraria um tão sedutor conjunto. Nem mesmo, nesse voluptuoso paraíso que Mahomet promete aos seus fiéis, se deparariam huris que pudessem rivalizar com as damas da corte de Napoleão III.

Encontravam-se ali, todos os gêneros e todos os tipos da beleza feminina; espanholas, de traços severos, grandes olhos negros, tranças de azeviche, melancólicas e altivas como as infantas de Velázquez; alemãs de carnes exuberantes e carnção rosada parecidas com as burguesas de Franz Halls; inglesas, graves e espirituais, eminentemente aristocráticas, como as *ladies* pintadas por Lawrence; francesas, de cabelos loiros, iris côm do céu, repletas duma graça inimitável, perturbadoras, adoráveis, semelhantes às figurinhas que Watteau, Boucher e Greuze reproduziram nos seus quadros.

Mas, nessa noite, os leões e as leas da moda tinham feito tréguas e, em vez de trocarem, entre si, os madrigais im-



Os bailes de Napoleão III

pregnados desse materialismo brutal e grosseiro, característico da época (iam longe as finas maneiras palacianas e os punhos de renda do tempo de Luiz XV) entretinham-se a discutir, um pouco cruamente, a personalidade da nova imperatriz.

Na sala dos Marechais, reservado ao imperador e sua Família, e cujo acesso apenas era permitido aos ministros, funcionários da corte e altos dignitários do Império, Eugénia de Montijo, imperatriz dos franceses, recebia os cumprimentos dos embaixadores e as homenagens dos apresentados.

Era uma linda mulher de trinta anos — a idade de Balzac — de estatura mediana, esbelta, de olhos azuis, muito lânguidos, perfil académico de estátua helénica e cabelos de ouro fulvo. Não se poderia considerá-la, como os cortejos adutores queriam proclamar, um prodígio de formosura, a quinta essência da beleza, a oitava maravilha do Mundo, uma deusa expressamente descida do Olimpo para vir cingir o diadema, reluzente de diamantes e safiras, da França imperial. Contudo, não obstante os defeitos que a prejudicavam — defeitos esses que transparecem no retrato de Dubufe e que Winterhalter e outros artistas procuraram ocultar pintando-a de perfil — Eugénia de Montijo com suas tranças dum loiro veneziano, as suas pupilas cerúleas, a sua tez nacarada e os seus alvos ombros, cuja curva se desenhava amorosamente, aparecia como a viva imagem da formosura e da majestade, e todos, vendo-a, compreendiam que ela tivesse causado tamanha impressão nos sentidos do

sensual monarca que este — quando tantas coisas se diziam contra os Montijos — houvesse decidido fazê-la subir os degraus do trono.

Enquanto a imperatriz, diligenciando disfarçar o seu acento espanhol e suavizar o seu timbre um pouco agreste, respondia aos cumprimentos dos enviados diplomáticos, os circunstantes trocavam entre si as suas impressões acerca da esposa de Napoleão III.

— Então, meu

querido conde — exclamou o príncipe Jerónimo Bonaparte, primo do imperador, com a sua voz sarcástica de sempre — como acolheu a nossa “boa cidade de Paris”, o casamento de Sua Majestade?

O “querido conde”, Morny, o árbitro das elegâncias da França, encolheu os ombros, num gesto cansado, e acabou por dizer, entre dois suspiros:

— Mal, muito mal, para que negá-lo? Entre o povo já chamam, com um acento de ódio e desprezo, à imperatriz a *hespanhola* como antes da Revolução apelidavam a infeliz Maria Antonieta, de *austriaca*. E' natural, à falta duma princesa de régia estirpe para soberana, teriam preferido ver no trono, ao lado do imperador, uma francesa. Se, ao menos Napoleão houvesse escolhido a sua noiva entre as aristocratas do bairro de Saint Germain, teríamos chamado a nós uma parte da antiga nobreza e feito perder aos legitimistas alguns dos seus mais valiosos trunfos. Mas o imperador não me quiz ouvir quando eu lhe pedi que se afastasse da Montijo. Estava completamente louco, obcecado pela sua bela.

Na burguesia, uns acham muita graça ao romance imperial como chamam ao enlace. Riem-se, mas eu temo o futuro... Napoleão envelhecerá... fraco como é, pouco a pouco, a mulher tomará sobre ele um enorme ascendente, e, não nos iludamos — ela não passa duma criatura pouco inteligente, cheia de ideais retrógradas, pueris e ridículas. Receio que a Montijo prejudique a nossa obra...

O príncipe Jerónimo Napoleão não acompanhara Morny no seu vôo de águia até às regiões do futuro. O seu espírito frívolo não se elevava tão alto.

— Quando me lembro — retorquiu amargamente — que eu e minha

irmã, nós que, pelo lado materno, somos descendentes de S. Luís e Maria Stuart, primos do imperador da Rússia e de todos os soberanos da Europa, nos vimos obrigados a curvar perante a neta dum tendeiro de Málaga de nome Kirkpatrick...

— O pai da imperatriz — interrompeu Morny conciliador — era um grande de Espanha, pertencente a uma das mais ilustres famílias da velha nobreza castelhana.

— Um traidor que se ofereceu para vender o seu país! — vociferou o príncipe — um cobarde que, depois de ter levantado uma insurreição, a abandonou! Um miserável que pegou em armas contra a sua Pátria! Belo pai, na verdade!

— Além disso, quem nos assegura que esse conde de Montijo, velho, cego e estropiado, foi realmente o pai da linda Eugénia? — comentou, com um riso grosseiro o ministro Fourtoul que até ali se mantivera silencioso — Foram tão numerosos, diz-se em Madrid, os felizes mortais que tiveram a ventura de partilhar as boas graças da mamã Montijo que é lícito duvidar...

Afirmava-se mesmo, na corte dos nossos vizinhos espanhóis, que o pai autêntico era Lord Clarendon...

— Talvez fôsse Lord Clarendon, mas eu — gargalhou, cinicamente, Sua Alteza Imperial — inclino-me mais que o progenitor tivesse sido o nosso amigo Prosper Merimèe...

— Basta de gracejos, senhores — redarguiu Morny, um pouco chocado — Não esqueçamos que *Mademoiselle* de Montijo é hoje a esposa do nosso augusto soberano e que...

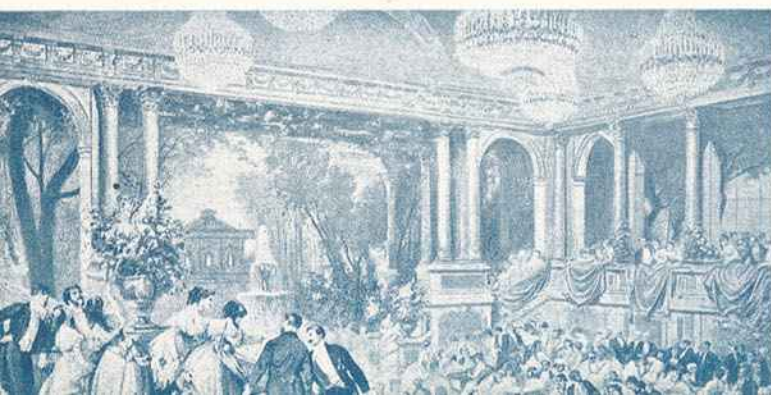
— No meio de tudo isto, como membro da Família Imperial, só me faz pena o ridículo papel que o imperador representou nesta comédia e também o meu primo Camerata. O pobre rapaz é um sentimental, um romântico, e ainda não se consolou do abandono da sua amada Eugénia. Sabe, meu caro amigo — acrescentou o príncipe, tomando o braço do ministro Fourtoul — decididamente estamos condenados a ter a flôr da Andaluzia na família. O meu primo estava loucamente apaixonado pela Montijo e, se não tivesse aparecido o nosso soberano a meter-se de permeio, ela seria talvez hoje a senhora condessa de Camerata!

— Porque não faz de tudo isto uma comédia, meu caro Morny? — chasqueou o terrível *blagueur*, voltando-se para o estadista — Tem todos os personagens: a bela, o galã e o rival. Nada lhe falta. O seu talento de escritor tiraria, estou certo, dêste magnífico argumento uma obra prima de causar inveja a Eugénio Scribe...

No grupo das damas trocavam-se réplicas muito mais interessantes ainda.

— Só me admiro — dizia, por detrás do seu leque, uma jovem provinciana ainda ingénua — como o imperador, um homem tão eminente, tão extraordinário, se deixou colher nessa armadilha...

— Os homens, minha querida amiga, mesmo os mais superiores — respondeu



Uma festa nas Tullherias

Madame Fourtoul, encolhendo os seus ombros maravilhosamente nus — são, no fundo, quasi sempre uns tolos em matéria amorosa, e, na ocasião de se casarem, é que o demonstram claramente. Napoleão III que, no íntimo, é um fraco, um sonhador, amante de quimeras e de utopias, estava mais do que ninguém, destinado a cair nas rêdes duma aventureira como a Montijo. Foi uma farsa admiravelmente dirigida por Merimée. Cada um dos componentes representou o seu papel a primor.

A condessa de Montijo, ex-amante de todos os oficiais de artilharia do regimento do marido, de todos os familiares do seu palácio como Merimée e Stendhal e de todos os fidalgos da corte de Isabel II, de corteza decrépita transformou-se numa mãe virtuosa e digna, zelosíssima da honra, pundonor e reputação do nome de família. A *señorita* Montijo, de leão amorosa, ávida de prazer, converteu-se numa menina pura e altiva, incapaz de cometer o mais insignificante pecado carnal pelo respeito a Deus e aos manes dos seus antepassados, e, qual outra D. Sol, da tragédia de Vitor Hugo, repeliu indignada as propostas, que o imperador lhe fez. Não disse como a amada de Hernani:

*Moi, je suis fille noble, et de ce sang jalouse,  
Trop pour la concubine, et trop peu pour l'épouse!*

Procedeu com muito mais argúcia. Um dia, em que o monarca, mais enamorado do que nunca e cansado de tantas recusas, lhe perguntava porque caminho havia de chegar ao seu coração, Eugénia, muito púdica, pôs os olhos em alto, contemplou o firmamento, como à espera duma inspiração divina, e, com o ar duma virgem pura como um lírio, respondeu num tom de voz tão suave como um harpejo de anjos: — "Pelo caminho da capela, Senhor!"

O imperador resistiu ainda por bastante tempo, mas, vendo que nem transformando-se em chuva de ouro como Júpiter na fábula de Danaé, conseguia a

posse da ninfa andaluza, resolveu desposá-la, e, hoje, a *señorita* Montijo, internacionalmente conhecida pelas suas galantarias, ocupa o mais belo trono do Mundo!

— Mas não houve quem prevenisse o imperador desses escandalos? — espantou-se a jóvem.

— Oh! Evidentemente que houve — respondeu a mulher do ministro Drouy onde Lhuys, tomando a palavra. — Os fieis amigos de Sua Magestade, meu marido, Persigny, Fourtoul, Morny, a princesa Matilde e o príncipe Jerónimo e outros ainda, contaram-lhe todo o passado de Eugénia de Montijo e da condessa mãe, mas o soberano, cego pela paixão, ou não acreditou nessas afirmações categóricas, apoiadas, aliás, de testemunhas dignas de crédito, ou resolveu passar por cima desses factos volvidos e fazer dela, mesmo assim, a sua imperatriz... Estou a ver toda a comédia. Ensinada por Merimée, que era quem, inclusivamente, lhe ditava a correspondência para o seu imperial suspirante, a menina, afogada em lágrimas e purpureada de castos rubores ajoelhou-se, graciosamente, aos pés de Napoleão III e confessou-lhe, entre soluços, que sim, que outrora, no tempo em que ignorava que seria distinguida por tão alto e poderoso senhor, tivera, lá longe, em Andaluzia, uma hora de desfalecimento, mas que nunca, nunca mais — podia jurar-lhe — voltára a pecar... E o imperador acreditou!

— Com quem teria sido essa hora de desfalecimento? — indagou, rindo, Madame Fourtoul.

— Não sei — respondeu M.<sup>me</sup> Drouyon, — mas talvez a nossa amiga Persigny nos possa informar.

A formosa condessa de Persigny, célebre pela sua beleza e excentricidades, aproximou-se do grupo. Vinha absolutamente deslumbrante no seu traje de gala que deixava mais do que adivinhar as formas adoráveis do seu colo de garça.

— De que estão a conversar? — perguntou ela, brincando, negligentemente, com um anel dos seus magníficos cabelos de ouro pálido que, artisticamente entremeados de pérolas, lhe caíam sobre os niveos ombros em longas e perfumadas espirais.

— Da Montijo — responderam simultaneamente, as três damas.

A condessa de Persigny deu uma gargalhada e, com uma audácia incrível, pôs-se a cantar, em surdina, um desses *couplets*, compostos pelos estudantes de Paris, em que a virtude da soberana era arrastada pela lama. E, a seguir a um *couplet* veio outro, e atrás dêsse, outros mais.

As três damas mal podiam ocultar, por detrás dos leques os frouxos de riso.

— Quem foi o feliz mortal que gozou os encantos virginais da nossa muito amada imperatriz? — inquiriu M.<sup>me</sup> Fourtoul.



Após a cerimônia do casamento. — No medalhão: o Conde de Camerata

— Dizem que foi o duque de Alba — respondeu a linda Persigny — Não sabiam? E' uma história interessantíssima. O duque cortejava às ocultas as duas filhas da condessa de Montijo. Primeiro dedicou-se à Eugénia. Gozaram os dois a mais completa ventura amorosa. Mas, em breve, o duque de Alba, volúvel como todos os homens, se aborreceu dela e decidiu casar com a mais velha, a formosa Paca. A bela Eugénia sentiu tal desespero ao ver-se abandonada, que se envenenou!

— Mas não morreu! — chasquearam as senhoras Fourtoul e Drouyon.

— Não — continuou a Persigny — e, ao melhorar, para esquecer aquele ingrato, lançou-se nos braços do marquês de Alcanizes e, quando êste, por sua vez a abandonou, ela, ainda para se consolar, deu-se a um formoso pagem da rainha Isabel II, Olímpio Aguado. Esta ligação teve um desfecho curiosíssimo. A condessa de Montijo concebeu a engenhosa ideia de ir procurar solenemente o irmão mais velho do gentil Aguado e, em mãe nobre, evocando os deveres de cavalheirismo, lhe pedir que ordenasse ao moço pagem que reparasse a dívida de honra que contraíra com sua filha, recebendo-a por esposa!

O grande de Espanha, indignado em face de tanta audácia e descaramento, cobriu-a de insultos e mandou-a pôr fora do palácio!

— Acabou-se a lista dos heróis das horas de desfalecimento? — indagaram as três senhoras.

— Que ideia! — riu a condessa — Mal principiei! Ainda houve o duque de Osuna, que já tinha sido anteriormente favorecido pela mamã, os três príncipes de Orleans e vários toureiros de Andaluzia! Que ela tenha corrido todas as aventuras não me importa. Não pretendo censurá-la. A vida é bela e fez-se para nós a vivermos. Também não sou uma freira — declarou, brutalmente, a formosa Persigny — mas que venha para aqui, com a sua hipocrisia e os seus ares de Santa Nitouche, representar o papel de matrona Lucrécia, depois de ter sido uma Vénus, é que se torna intolerável!

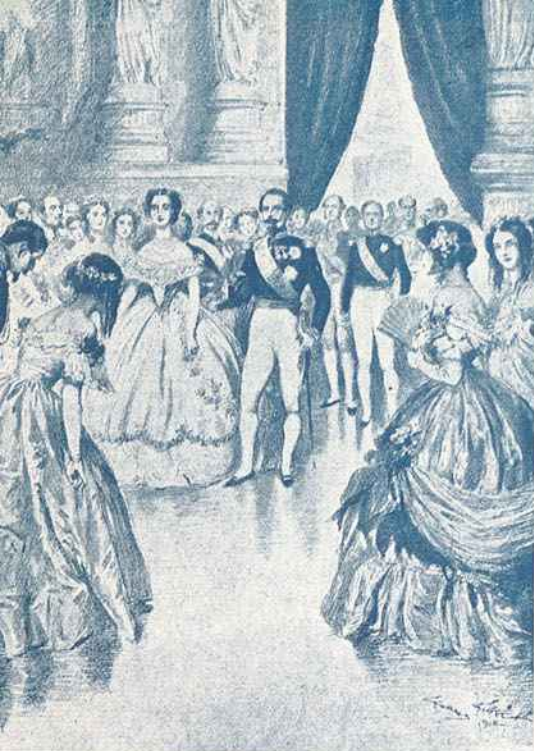
— E o conde Camerata! — suspirou a menina provinciana.

— Oh! Esse foi na existência da nossa



A imperatriz Eugénia





O palácio das Tulherias em festa

augusta soberana a despedida da vida alegre de solteira — explicou a condessa, encolhendo, risonhamente, os ombros.

— Dizem que êle se consola junto duma actriz muito conhecida do Vaudeville, M.<sup>elle</sup> Marta — disse M.<sup>me</sup> Drouyon.

— Nitrato, simplesmente nitrato, que êle aplica para cicatrizar a ferida, mas há chagas que o nitrato não cauteriza, e essa é uma delas — afirmou, sentenciosamente, M.<sup>me</sup> Fourtoul.

Os olhares das quatro mulheres caíram simultaneamente sôbre o conde de Camerata.

Era um gentilíssimo rapaz o príncipe, neto de Elisa Bonaparte. Alto, esbelto, fino aristocrático, com um ar triste de fim de raça.

Nessa noite os seus amigos tinham-no



Eugénia de Montijo e Napoleão III

estranhado. Fugia de todos, respondia sacudidamente apenas por monossílabos, aos seus íntimos, para correr a refugiarse nos cantos. De longe, o infeliz Camerata devorava com a vista a imperatriz que, resplandecente de pedrarias, orgulhosa como uma pavoia real, recebia as homenagens dos cortejos, sem se dignar aperceber-se da sua presença. De súbito, como impellido por uma fôrça invencível, o príncipe dirigiu-se, à soberana. As pessoas que a rodeavam afastaram-se discretamente e a imperatriz Eugénia e o conde de Camerata ficaram sós, por assim dizer, em frente um do outro.

As pupilas azuis da Montijo, de ordinário tão serenas como um firmamento de primavera, escureceram tempestuosamente. A bôca contraíu-se-lhe e, agitada, batendo o pêsinho debaixo da saia de balão e estalando nervosamente com as varetas do leque, esperou que o seu antigo amado lhe dirigisse a palavra.

Ninguém conseguiu ouvir o diálogo que se travou. Mas todos viam claramente a alteração da imperatriz. O seu formoso colo de cisne alteou-se de cólera e os seus olhos de previnca lançaram chispas de fúria. Depois, numa atitude que seria mais própria numa cigarreira andaluza, do que numa descendente de Gonzalo de Córdova, voltou-lhe, grosseiramente, as costas e dirigiu-se ao imperador que, ridículo no seu uniforme de general de divisão, conversava com um embaixador.

Eugénia de Montijo segredou-lhe algumas palavras ao ouvido. Napoleão III franziu as sobrancelhas, e, após um último sorriso ao diplomata, fez um gesto incompreensível para muitos, mas bastante significativo para outros.

— O que terá dito o conde à imperatriz para ela ficar tão furiosa? — perguntou, intrigada, M.<sup>me</sup> Fourtoul.

— Naturalmente foi-lhe repetir mais uma vez que a ama, que a adora, que morre por ela, que é o mais desgraçado dos homens, em suma, tôdas as tolices do costume — riu M.<sup>me</sup> Drouyon.

Volvidos alguns minutos, um homem vestido de côrte, aproximou-se do monarca e recebeu umas breves instruções.

O conde de Camerata perdera-se entre a multidão dos convidados. Contudo, o homem da confiança de Napoleão III soube descobri-lo. Abordou-o e pediu-lhe, discretamente, que o seguisse. O príncipe mediu, de alto a baixo, êsse desconhecido e, embora estranhasse o pedido, não teve a mínima dúvida em aceder.

Deixaram juntos os salões de recepção, enfiaram por um longo corredor. Camerata, intrigadíssimo, ia perguntar finalmente, o que desejava o misterioso desconhecido, quando outro homem, desta vez seu conhecido — o agente Zaimbo, pertencente à policia particular do imperador — lhe surgiu pela frente.

— Queira seguir-me, senhor conde — ordenou Zaimbo.

— O que se passa? O que significa êsse mandado de prisão?! — exclamou, altivamente o príncipe.

— Não sei, senhor conde — respondeu o agente — Recebi instruções para o deter e o guardar à vista. É hábito meu executar, sem discutir, as ordens que me dão. Queira seguir-me.

Ao longe, ouvia-se uma valsa deliciosa. Era o imperador e a imperatriz que, amorosamente enlaçados, abriam o baile...

E, enquanto nos salões, magnificamente iluminados das Tulherias, se dançava animadamente, desenrolava-se um pavoroso drama noutro pavimento do palácio...

O vinho de Xerez destilou os seus topázios, o nectar do Rêno derramou o seu oiro fluído e o champanhe inundou com a sua espuma as taças de cristal. E ninguém dançou mais, riu mais e bebeu mais do que Napoleão III...

De madrugada, quando já no firmamento violáceo principiavam a sangrar os purpurinos clarões da aurora, os convidados, os cavalheiros agasalhados nas suas sumptuosas, amplas e espessas peliças e as damas envolvidas nas suas riquíssimas capas de arminho, abandonavam as Tulherias, deslumbrados com a esplêndida festa que a munificência do imperador dos franceses lhes proporcionara. As carruagens puzeram-se em marcha e, numa alegre debandada, todos recolheram aos seus lares, enquanto, numa dependência isolada do palácio, o infeliz Camerata, com o crânio despedaçado por uma bala que Zaimbo (sempre executando, sem discutir as ordens recebidas) lhe disparára à traição, dormia o último sôno.

No dia seguinte o "Monitor" anunciava que o conde Camerata sucumbira a um acesso de febre amarela. Poucos dias mais tarde, participava que o conde se havia suicidado.

O agente Zaimbo não voltou a aparecer nas Tulherias, nem em Paris. Enviado numa missão especial a Londres, partiu e nunca mais regressou. Encontra-se a explicação dêsse singular desaparecimento nas memórias do agente Grescelli. Zaimbo foi assassinado pelo próprio Grescelli, que atirou o cadáver ao Tamisa, depois de lhe ter, previamente, desfigurado o rosto para a identificação se tornar impossível. Uma testemunha a menos.

O digno filho da rainha Hortense, era, como se verifica, tão cauteloso como discreto, e — honra lhe seja! — sabia rodear-se de pessoal devidamente habilitado para a realização dos tenebrosos em que se dizia fecundo.

Decorrido um mês, após o baile das Tulherias, M.<sup>lle</sup> Marta, actriz do Vaudeville, a doce amiga do conde Camerata, em cujas mãos, dizia-se, se achavam papéis altamente comprometedores para a imperatriz, aparecia morta, asfixiada, devido a uma fuga de gaz. Outra testemunha a... menos.

De novo, os jornais anunciaram um suicídio...

# Magnificências do Zézere

NASCENDO na Serra da Estrêla, nas proximidades das Penhas Douradas, o Zézere, depois de um longo curso, na maioria, através de estreitos, tortuosos e profundos talwegs, vem desaguar suavemente no Tejo, junto da pitoresca e formosa Vila de Constância. É essencialmente um rio de regime montanhês.

O seu leito, assente, por vezes, sôbre a rocha firme, sôbre o cascalho movediço ou sôbre a fina vasa, apresenta, desde a nascente à foz, acentuados desnivelamentos que originam torrentes impetuosas, quando, no inverno, as copiosas chuvas e a neve, fundindo-se nas múltiplas serranias da sua bacia hidrográfica, vem dar vida aos inúmeros riachos, que nele desembocam, e provocar o natural engrossamento do seu caudal.

Os passaros, em grande variedade, aproveitando os lugares reconditos que lhes proporciona a sombria, fresca e densa ramagem das diversas plantas desenvolvidas, exuberantemente, á beira do rio, constroem nela os seus pequenos lares convictos, no seu instinto, da sua segurança e intangibilidade. É um prazer dominante ouvir os seus melodiosos trilos, sem uma nota a destoar da sua harmonia, por essas tardes amenas de Primavera, Estio ou mesmo Outono!...

Nos campos marginaes a labuta quotidiana segue o seu ritmo natural e compassado; há canções regionais nas bocas vermelhas das moçoilas e assobios nos lábios dos mocetões; há gemidos dolentes de noras e o tilintar das campainhas dos rebanhos. Todo o ambiente traduz actividade, alegria e trabalho. Todos os ruídos se confundem numa azáfama exalante de sublime poesia com o marulhar das águas nas cachoeiras e açudes...

Durante o verão são conduzidas pela corrente do rio grandes quantidades de rolos de madeira pinifera — "partidas," — que o Zézere, excelente meio de transporte, conduz de longas paragens até à Vila da Praia, onde é recebida.

Em certas altitudes dominantes do Zézere o panorama que se disfruta é magicamente deslumbrante!... Elevações, umas após outras, com as suas formas arredondadas (raramente aguçadas) apresentam os seus flancos com tais declives que custa a acreditar que neles possa transitar e viver gente!...

E, na verdade, tais encostas, declinando para o rio, permanecem cobertas de lindos olivedos de cujo fruto se extrai o melhor azeite de Portugal. De tão íngre-

mes colinas descem múltiplos regatos que a pouco e pouco, deslizando nas vertentes, vão cavando barrancos e arrastando para o leito do rio os materiais de desagregação que hão de ir fertilizar as terras e constituir o seu excelente adubo.

Se atendermos à heterogeneidade dos minerais componentes do terreno, nesta região, fácil nos é explicarmos a sua variada configuração topográfica.

Desde a primitiva rocha baticiménica, aflorando aqui e além, em maciços colossais alcandorados sôbre as margens, às detriticas e extractificadas, ali se encontram quasi tôdas as espécies representadas. É, portanto uma constituição de solo cuja estrutura e dureza, atendendo aos seus diversos componentes, admite a maior variabilidade e, portanto, sôbre êles se faz sentir com maior ou menor intensidade a acção dos agentes modificadores da crosta terrestre.

Por vezes aparecem feiras de rochas-moreias, nas proximidades do Zézere, indicativas, talvez, da passagem de glaciares em longínquos tempos.

Os terrenos são, algumas vezes, guardados de pedra solta da mais diversa grandeza, forma e constituição que as águas da chuva fazem rolar pelos flancos das colinas e nos vales, imprimindo-lhes feitos arredondados num desgaste contínuo das suas arestas. Outros são formados por rochas plutónicas que as acções do vento, calor e água desnudaram, fenderam e cobriram de vegetação própria.

É sôbre êste solo, assim constituído: argiloso, silicioso, calcáreo, granítico, etc., ondulante em múltiplas elevações, que o pinheiro bravo se propaga de uma maneira prodigiosa dominando tôdas as outras árvores, em especial a oliveira para protecção da qual os camponeses necessitam de tomar medidas radicais.

Mas ao lado desta beleza rústica, não apreciada pelos indígenas, respira-se ali um ar puríssimo, um ar saudável que nas suas correntes, nem sempre brandas, faz oscilar milhões de pinheiros tirando-lhes dolentes e angustiosos gemidos!...

Infelizmente os meios de comunicações, nesta área, não permitem ainda a estranhos apreciar um pouco da sua encantadora paisagem.

Quando, um dia, o permitirem não faltarão ali excursões de turistas ávidos de conhecerem os encantos naturais e pitorescos da nossa terra.

Mas a importância do Zézere e de parte da sua bacia hidrográfica não reside sômente nas suas paisagens características. Um lugar de relêvo lhe estará reservado no futuro, sob o ponto de vista de economia e engrandecimento nacional. O Zézere possui, entre outros metais valiosos, o ouro.

Particularmente no concelho de Vila



Vila de Rei de Rei são frequentes os vestígios de explorações auríferas,

operadas pelos agarenos, em épocas distantes, quando da sua dominação peninsular. Baseados em documentos colhidos em manuscritos existentes nos arquivos de algumas cidades marroquinas tem-se feito, recentemente, nas proximidades da sede daquele concelho, sob a orientação de engenheiros ingleses especializados, aturados trabalhos de investigação científica acêra da existência e percentagem do precioso metal naquela área. Os resultados das análises têm sido satisfatórios, havendo tôdas as probabilidades de ali se estabelecer uma intensa exploração do minério em bruto. Em certos pontos referenciados no terreno com o auxílio dos supracitados documentos, tem-se descoberto cisternas e galerias subterrâneas que tudo leva a supor relacionarem-se com os trabalhos moiriscos na pesquisa do ouro. É, pois, natural que após alguns anos vejamos Vila de Rei, ponto central do país, com uma grande actividade na escavação de minas, algumas das quais o terreno se encontra já registado.

Num grau de importância superior à riqueza aurífera na bacia do Zézere está, possivelmente, a energia eléctrica que êste rio virá a fornecer ao país. Entre outros, um formidável dique, em construção no Castelo do Bode, a alguns quilómetros da sua foz, com a altura de 90 metros, originará uma queda de água, cuja fôrça hidro-motriz desenvolvida e transformada em eléctrica, poderá abastecer a maior parte da nação, a um preço acessível, e evitar a saída de milhares de libras para o estrangeiro, para compra de hulha. Depois de completa esta obra gigantesca ficarão, é certo, imersas no maior lago artificial da Europa, propriedades de um valor incalculável; terras de cultura férteis, que o braço humano em longos anos amanhou e que ainda hoje são o orgulho dos seus proprietários; engenhos de moagem, noras, pontes e até povoações inteiras!...

Só o custo das expropriações será qualquer soma fantástica!

Porém os benefícios colhidos por tão importante realização hão-de compensar sobejamente, os danos resultantes.

Não só os milhões de quilovates desenvolvidos mas também a irrigação de numerosos hectares de terreno poderá tornar num imenso pomar a maior parte da província estremenha. O Zézere terá, pois, um papel de grande envergadura a desempenhar ante o futuro engrandecimento da nossa nacionalidade.

ISIDRO ANTÓNIO GAIO  
Alleres



O rio Zézere





Como um desenhador alemão visionava um bombardeamento aéreo com obusas de gases asfixiantes sobre a praça de Ludgarte, em Londres

Os três horríveis flagelos — Fome, Peste e Guerra — foi sempre o último o que menos apavorou os nossos avós. Ir para a guerra constituía uma honra, visto ser lá que se conquistavam honrarias e triunfos através de prodígios de bravura, enfrentando perigos que a valentia transpunha sempre.

As laudas do *Apocalipse* serviram para indicar à Humanidade o poder divino que, num momento, destruiria o que havia criado.

E os nossos antepassados meditavam nas apavorantes visões do profeta da ilha de Palmos:

"E o anjo tomou o turbidulo, e o encheu

de fogo do altar e o lançou sobre a terra, e logo se fizeram trovões, e estrondos, e relâmpagos, e um grande terremoto.

"E então os sete anjos que tinham as setes trombetas, prepararam-se para as fazer soar.

"E tocou o primeiro anjo a trombeta, e formou-se uma chuva de pedra e de fogo, misturados com sangue, que caiu sobre a terra, e foi abrasada a terça parte da terra, e foi queimada a terça parte das árvores, e queimada toda a erva verde.

"E o segundo anjo tocou a trombeta; e foi lançado no mar como um grande monte ardendo em fogo, e se tornou em sangue a terça parte do mar.

"E a terça parte das criaturas que viviam no mar morreu, e a terça parte das naus pereceu.

"E locou o terceiro anjo a trombeta e caiu do céu uma grande estrela ardente como um facho, e caiu ela sobre a terça parte dos rios, e sobre as fontes das águas;

"E o nome dessa estrela era Absinthio; e a terça parte das águas se transformou em absinto, e muitos homens morreram das águas porque elas se tornaram amargas.

"E o quarto anjo tocou a trombeta e foi ferida a terça parte do sol, e a terça parte da lua, e a terça parte das estrelas, de maneira que se obscureceu a terça parte delas, e não resplandecia a terça parte do dia, e o mesmo era da noite.

"E vi eu, e ouvi a voz de uma água que voava pelo meio do céu, a qual dizia

# A GUERRA FUTURA

## Como a Humanidade a visia e prepara a sua defesa

em alta voz: "Ai dos habitantes da terra, por causa das outras vozes dos outros três anjos que haviam de tocar a trombeta.

"E o quinto anjo tocou a trombeta; e vi que uma estrela caiu do céu na terra, e lhe foi dada a chave do poço do abismo; e subiu fumo do poço, como fumo duma grande fornalha; e se obscureceu o sol e o ar, com o fumo do poço,

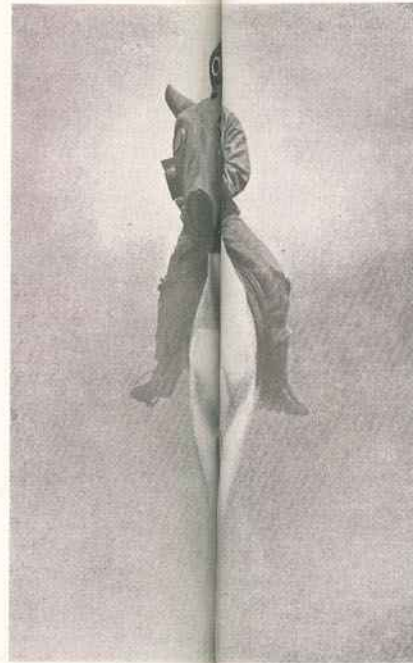
"E do fumo do poço saíram gafanhotos para a terra, e lhes foi dado um poder como têm poder os escorpões da terra.

"E lhes foi mandado que não fizessem dano à erva da terra, nem a verdura alguma, senão somente aos homens que não têm o sinal de Deus nas suas testas.

Hoje, pelo que estamos observando, o terrífico *Apocalipse* constitui um pálido sumário do que será a guerra que está ameaçando o Mundo.

A guerra química que apavora a Humanidade, a pavorosa guerra que os nossos avós não sonharam, mas que o Evangelista visionou.

Há anos



O espectro apocalíptico da futura guerra

um desenhador alemão quis dar um aspecto da guerra futura e escolheu para cenário a praça de Ludgarte, em Londres, bombardeada por obuses de gases asfixiantes. Um horror! Nem as mulheres, nem as crianças seriam poupadas!...

Entretanto, os sábios intensificaram a sua acção na sua acção no sentido de conseguir um extermínio completo.

Cada dia que passa, os perigos avolumam-se mais e mais e a tal ponto que o próprio solitário Palmos, tão familiarizado com horrores, recuará apavorado se os observasse.

O que ontem parecia assombroso, tornou-se hoje ridiculamente banal.

Eis uma voz de há trinta anos em plena França:

"Com a mobilização completa, isto é, ajuntando as 6 classes da reserva da tropa territorial, que pode ser aviada em

600 mil homens, pelo menos, surgiria um aumento de despesa de 6.600.000 francos por dia, elevando a despesa que era de 31.460.000 a 38 milhões em número's redondos.

Trinta e oito milhões por dia!... Eis a despesa que podemos prever no caso de rebentar uma grande guerra. Se ela durar 8 meses (245 dias) como a de 1870-1871, gastaríamos o melhor de 9.310 milhões... \*

Isto calculava em Fevereiro de 1906, o deputado Jules Roche, antigo ministro, mal supondo que a Grande Guerra que rebentaria oito anos depois, não durou 8 meses mas 62... \*

E o técnico continuava o seu cálculo: "A soma de 11 francos por homem e por dia que tomamos como elemento de cálculo em França, poderia ser generalizada na Europa, e aplicada exactamente à Alemanha, à Austria, à Itália, etc.

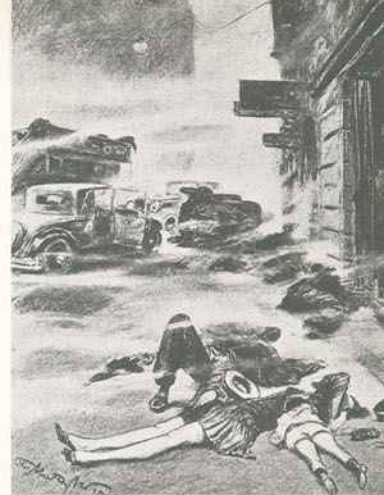
"As formações totais de guerra dariam, pelo menos, segundo as previsões oficiais

Na Alemanha.....	5.400.000 homens
" Austria-Hungria.....	2.000.000 "
" Itália.....	3.300.000 "
	10.700.000 "

"Dez milhões de homens a 10 francos por cabeça trazia uma despesa total de 100 milhões por dia que devemos juntar à nossa.

"E não metemos em conta as despesas da Inglaterra.

"Os cálculos a que procedemos tiveram por base as despesas da França com a guerra de 1870 e não compreenderam as despesas duma guerra marítima que se daria hoje ao mesmo tempo que a guerra continental e que acarretaria despesas enormes.



Nem mulheres nem crianças são poupadas em face da guerra química que não vive assuas combatentes, mas todo o fôlego vivo

"E assim se chegaria a somas vertiginosas que ultrapassariam muito o total dos orçamentos existentes!

Se o ilustre técnico pudesse fazer hoje os seus cálculos, a que conclusão chegaria?

A guerra que a Humanidade visiona centuplicaria as previsões do ponderado crítico francês de há trinta anos.

Quem poderá sondar o que está para vir, e, que tratando-se, de mais a mais, duma calamidade, surgirá sempre imprevisível e fulminante?

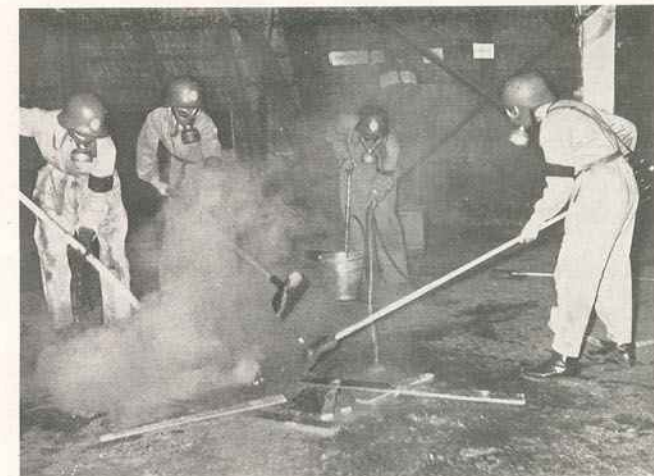
De resto, enquanto houver dois homens sobre a terra, a luta há de ser o fulcro essencial do programa da vida...



Uma das muitas aulas do curso de defesa contra a guerra química, e cuja frequência é hoje rigorosamente obrigatória na Alemanha



A sua Merie



Alanos das escotas de defesa contra a guerra química na Alemanha, praticando nos trabalhos de extinção dum incêndio causado por um bombardeamento



a aprender, além do encanto que nos dá o delicioso enredo do romance.

Éis um trecho do novo livro de Aquilino Ribeiro, lindamente ilustrado com gravuras em madeira que a sr.<sup>a</sup> D. Clementina C. de Moura inspiradamente esculpiu, e que, melhor do que nós, apresentará aos leitores da Ilustração a beleza deste magnífico trabalho literário:

QUANDO se viram longe, a salvo da força bruta da natureza, deram graças. Mas, tendo perdido a tramontana, ignoravam se caminhavam para Santiago ou lhe viravam costas. E, perplexos, aconteceu-lhes encontrar uma vara de porcos com o seu guardião.

— Patrãozinho do Senhor — perguntou o velho — vamos bem para Santiago de Compostela?

— Vão errados, santinhos. Olhem, metam por essa serra fora até encontrar um carreiro de pé pósto. Lá, voltem à direita e vão, vão, sempre em frente, até dar com umas alminhas. As alminhas torçam para a esquerda e, onde toparem uma encruzilhada, deixem o caminho de carro pelo atalho. Não há dúvida, mais direito nem uma linha no bôlso — graçeou o carreiro. — O amigo para ganhar o Céu vinha ensinar-nos o caminho... — E quem me guarda os porcos?

— Ficam guardados — e, isto dizendo e espetando no chão a vara que era de azinheira, o velho soltou um *viá!* *viá!* tão natural e eloqüente que nem que tóda a vida fôsse adueiro, ao passo que com mão discretamente evangélica espalhava as bolotinhas que trazia no bolso.

E como se a vara crescesse, se cobrisse de ramos e, frutificando, a gorda e substancial glândula começasse a cair, os porquinhos correram a juntar-se debaixo dela, masca que masca, grunhindo satisfeitos, e dando julgados dali não arrear pé. O porqueiro, um instante tarlamente, acabou por proferir:

— E' então santo?

— Não, sou pecador, mas Deus nunca abandona os seus.

— Já sei, és Beltranasas. E' Beltranasas, não podes ser outro. Deita-me a tua bênção...

O santo homem abraçou o porqueiro, que se lançou de joelhos, abençoou ainda Banaboião, confundido e vergonhoso por não haver reconhecido naquele velho, que operava milagres às mãos ambas, o mestre que buscava, quando tal fineza fôra proporcionada ao vilão em prêmio da sua humildade. Mas era justo. E enlevados no amor de Deus, depois de encarreirados pelo bom porqueiro, romperam a caminho de Compostela, guiando-se de noite pelas direituras da Via Láctea.

Certo dia, na encruzilhada de dois caminhos, foram alcançados pela comitiva

# A TENTAÇÃO DES. BANABOIÃO

Trecho do novo livro de Aquilino Ribeiro

duma nobre dama que levava o mesmo rumo que êles. Era tudo gente de cavalo e ela vinha montada em soberba haçanea branca, no meio de muitos pajens e donzelas. Trazia manto de ciclón, guarnecido de pele de marla, suspenso do ombro direito por uma fíbula de ouro, gorgeira de topázios e berilos que luziam como sóis, e doidejava-lhe acima dos cabelos um penacho tremulante e furta-côres de gemas e aljófares. De envolta fraldavam belas capas de pano engrês, gorras vermelhas, saios de bom ruão dos cavaleiros, zorames da famulagem; mas por muito ricos que fôsem os trajos duns e doutros, chegava a alvura da carne dela para confundir quem presenciase tal aparato. Tanto o velho como Banaboião julgaram encontrar-se diante duma deusa, das que governaram ilhas voluptuosas, e benzeram-se três vezes em sua atrapalhão e três vezes pronunciaram o santo nome de Jesus. Mas ela, de cima da face andaluz, nem pestanejou. Estava tirada a prova de que se tratava de criatura do Senhor e vieram à fala com ela. Quem havia de ser? A esposa do famoso fronteiro D. Paio de Farroncóbias, flagelo de infieis, que a rôgo do seu senhor, retido a escaramuça com o mouro, se encaminhava a Compostela colher as graças inauditas do ano santo. Sem embargo de que a sua formosura deslumbrava, parecia lhana de maneiras e modesta. Iluminata se chamava...

— Iluminata! — pensou Banaboião em seu aturdimento. — Mas ela é que é o lume e o resplendor!...

Como abundassem as mulas e jumentos em tão grande equipagem, mandou ela que pusessem uma jerica albardada de tranca para o velhoromeiro e um cavalo para o moço, que dava também ares de alquebrado do caminho. A voz de Iluminata, ao dar estas ordens, era branda, embora dominiosa, e as suas pestanas longas deixavam cair mais nostalgia dos olhos pretos do que um entardecer de Maio. Debalde se escusaram os peregrinos de aproveitar tal fineza, a título que tinham prometido fazer a romaria a pé. Um dos cavalariços agarrou do velho como duma pena e plantou-o de escancha-perna em cima da burra. Banaboião, depois disto, tampouco soube negar-se. Nesse mesmo dia resignaram-se a quebrar ainda maior de sua regra, aceitando da merenda, composta de boas viandas e virilhos maduros, que o mordomo serviu à sombra dum castanheiro. Como fizesse grande ardentia, ali se demoraram, depois de dar graças a Deus, a conversar de coisas honestas uns, entregues outros a passatempos próprios de gente bem nascida. Sentada num almadaque de frouxel, Iluminata cantou, e a sua garganta modulava de tal sorte

que o mundo todo, séres e coisas, uma velhinha que acontecera passar, as nuvens que o vento empurrava, pareciam suspensas a ouvir. Calava-se e nos ouvidos e nos requebros do ar permanecia por muito tempo a cascata da doce melodia.

Um dia, dois dias, três dias, marcharam osromeiros no séquito da rica-dona, tratados com tal afecto e franqueza que dir-se-ia fazerem parte, desde longa data, da sua casa. Beltranasas choutava à sua direita em burra segura e passeira, laraneta pela bondade daquela que carregou Nossa Senhora para o Egipto; Banaboião trotava à mão esquerda, na guisa de pajem, num pótro que de quando em quando lançava nitridos inquietos e rompia em fogosas filistras. Para comprazer com seus góstos de penitência, Iluminata acabou por deixá-los ao passado frugal, pêro, água e pão, e ela própria, substituindo o psalterio pelas camândulas, atulhava a alma de avê marias e de padrenossos. E os anjos exultariam no Céu, que na longa caminhada para Compostela não fazia calor nem frio, não lhes faltava coisa que honestamente apeteassem, nem ainda sobreviera contra-tempo que merecesse nome de enfado.

Acampavam com o crepúsculo vespertino no primeiro lugar a jeito, dormindo em almadaques que traziam nas azémolas, alguns de frouxel, e com peliões à laia de cobertas. Em geral apareceram donas a uma banda, cavaleiros a outra, mas com o sem-rebuço e singeleza a carácter do tempo. Se não encontravam *esprital*, servia-lhes um soute, e, à falta das velhas árvores tutelares, armavam o largo tolde de estanoite contra o vento e assim pernoitavam, muito chegados entre si e fraternais. Foi por uma dessas noites que acidentalmente a enxerga de Banaboião ficou a roçar a cama de Iluminata, o que muito o sobresaltou em sua meticulosa pureza. E, não podendo cobrar o sono, à força de maluciar sobre a tremedante em que se via, aconteceu-lhe, já altas horas, aperceber-se do que quer que era que cintilava no escuro e se dirigia tateante para o seu lado.

Reprimindo o fôlego ante o fenómeno, breve reconheceu pelas águas tremúlas das pedras finas tratar-se da mão de Iluminata. A mão pairava como asa, incerta onde baixar, e Banaboião ficou a segui-la em sua manobra, sem pinta de sangue e sem bolir, como a um falcão que viesse para lhe arrancar os olhos. Depois a mão desceu por cima dêle, palpou-lhe os ombros e, resvalando no sentido da cabeça, poitou-lhe na nuca. Uma vez aí, os dedos recurvaram-se e, firmando-se, fizeram o jeito de atraír.

Afogueou-se o moço, como se ao corpo se lhe apegasse lume infernal, e não mexeu. A nobre dona estaria a sonhar, sim,

aquele gesto podia não ser outra coisa senão a reflexa involuntária dum sonho, porventura, da mais rosada candidez. A mão, porém, ora se crispava, ora lhe afagava a carne, e êle sentia nítida e perturbantemente as cócegas brejeiras e a arranhadura leve. Perante tão voluntarioso manejo, chamou-se Banaboião ao dulcíssimo Jesus, mas o santo nome não lhe valeu. E foi então que, concentrando em si tóda a energia, com desesperado e não desviou a mão temerária. A mão, porém, reiniciou. E Iluminata dizia-lhe baixinho:

— Banaboião, meu amigo, estou com frio; chegai vos para aqui...

— Senhora minha, vou deitar-vos mais roupa na cama...

— Não, não, chegai-vos para mim... O vosso calor aquece bem melhor.

— Senhora minha, não sou digno nem merecedor. Tocar eu, com o dedo, molhado sequer, na esposa do nobre rico homem D. Paio de Farroncóbias...!

— Se eu vos pedir...?

— Por vida minha, não!

— Se eu vos mandar?

— Com todo o respeito direi ainda e sempre não, três vezes não!

— Socorro!... Socorro!... — rompeu ela a gritar. — Este mauromeiro ousou erguer mão atrevida para mim! Acordaí, meus pagueis! Ofenderam em sua honra a D. Paio de Farroncóbias, que combate ao lado direito de nosso amo D. Afonso Henriques, e é alcaide de Trancoso. Desrespeitaram-lhe as vinte cicatrizes e gijavazes e o balsão em que campeiam três castelos, que tantos assaltou e rendeu! Vivo ou morto tirem-me da vista este perdido do Senhor!

Estremunhou o arraial entre gritos de maldição e pasmos. Dez manúplas caíram como gerifaltes sobre o filho de Pero Fogaça, transido e assombrado, e depois de o carregarem de algemas levaram-no. Levaram também aos encontros o velho Beltranasas, na qualidade de mentor do facinora. E não foi preciso mais que um sinal para ambos serem lançados na massa morra da primeira terra que encontraram.

Era um antro tenebroso, dum negrume tão opaco que só depois de muito lá estar é que se enxergava a sua traça: chão treme, paredes de bruto granito, tecto de fábvas assente sobre caibradura poderosa, vassala tóda ela de duas grossas linhas de roble. Notaram que lhe chamavam a *Casa das Ratas* e o apodo lhe ia bem pois que, um instante depois de entrarem, eram tantos aqueles imundos animais que foi preciso distribuir pontapé à direita e à esquerda para pôr um pouco de moderação à sua agressiva curiosidade. Mas ouviram-se chiar por os cantos, bulharem, e o seu tropel lembrava soldadesca ébria nas alcáçovas. A luz entrava por um buraco do sobrado, reflexo já de luz indirecta, tão triste que parecia de candeia moribunda. Mas, pouco a pouco, ao pálido morrão, os silhares dos muros acabaram por circuncresver-se na esquadria tósea, escorrendo salitre, com argolas de ferro ao centro para chumbarem os presos de responsabilidade.

Acordou, finalmente, no primeiro piso,



com a entrada dos moradores — mulheres, crianças, o cão familiar — todo o desvairado chinfrim da lide doméstica vilã. Devia ser ali a habitação dos carcereiros, e os dois servos de Deus, bem embora se achassem revestidos de exemplar paciência para todos os agravos da fortuna, experimentaram um certo consólo em sentir-se em contacto com o restante género humano.

Quando Banaboião contou a Beltranasas — que soprava furioso como um toiro em sua mal contida cólera, supondo-o culpado — o que lhe acontecera com Iluminata, o velho benzeu-se duas vezes. E, depois de se benzer e recobrar do espanto, disse:

— Seja em desconto dos nossos pecados. Quem nos mandou preferir aos *pedibus calcantibus* a azémola bem arceada e ao cántico desataviado dos pássaros pelas balsas fora os harpejos sábios do psalterio?! Estamos a pagar a nossa pecaminosa condescendência. Andámos mal em arrancar com semelhante gente; andámos pessimamente em aceitar-lhe os convites; e não tem perdão que metêssemos a mão em seus merendeiros e nos deitássemos em suas camas fôias. A gata aluada arranhou-te? Dá graças por te safares com alanhões e, em despeito do pior do pior que nos possa suceder nesta enxovia, sempre salvamos a alma. Por isso eu vos estou reconhecido, meu Deus, e por nos teres reservado castigo tão pequeno em proporção da grande culpa. E eu te abençoou, Banaboião, meu filho, meu discípulo amado, em nome de Deus Padre, todo Poderoso, o qual não há conto nem fim, pela maneira heróica como te libertaste das garras da deusa impúdica! José não se portou com mais brío para com a mulher de Putifar e, eu, sentada, oitenta, noventa anos, não sei já, que conto de baldões e brigas com o Demónio, receio muito que me não agüentasse com igual bravura.

AQUILINO RIBEIRO.

S. Banaboião anacoreta e mártir é o título do novo livro que o exelso escritor Aquilino Ribeiro fará aparecer por estes dias. Mais uma obra primorosa do insigne prosador que, sempre original, em nada se confunde com o paisagista bárbaro das Terras do Demo nem com o estilista impécável das Filhas da Babilónia.

Não diremos, como vai sendo uso estafado de quem carece de referir-se a vinte e tantos livros por semana, que o novo romance de Aquilino se apresenta "numa prosa castigada", fazendo realçar "um belo recorte literário", etc...

Não. A prosa de Aquilino desliza tão suavemente como as águas sussurrantes dum ribeiro, sem esforço, sem represas adaptadas nem desvios engenhosos. Se o autor do S. Banaboião, seguindo a esteira de Flaubert ou de Eça de Queiroz, castigou alguma vez a sua prosa, confessamos tão sincera quanto espontaneamente que não sabemos onde nem quando.

Nos grandes insatisfeitos que emendam e reemendam tudo quanto produzem, acumulando sinónimos sobre sinónimos para empolar o vocabulário, verifica-se muitas vezes que, não tendo feito realçar o trabalho, antes o polvilharam do já intolerável simonte de D. Luís de Gongora.

Com Aquilino Ribeiro não se dá isso. A sua prosa é espontânea e límpida da nascente sem o recurso de filtros.

Neste escritor, a perfeição da forma brota sem tortura nem artificios. A nosso vêr, escreveu este livro, em estado de graça, e por isso nos conduz, página a página, numa ansiedade crescente, servindo-se duma linguagem pura, harmónica, portuguesíssima em que há muito

Um inglês janta em companhia de sua mulher. Ao chegar ao assado, esta cai fulminada por uma apoplexia. O marido, sem se alterar, agita uma campainha. Chega um criado e ele diz-lhe:

— Leve a senhora e traga batatas.

Sabendo a esposa de Ximenes que êle tinha sido nomeado jurado, disse logo:

— Todos os réus podem contar com a indulgência dêle.

— Sim, e então? Meu marido não é capaz de condenar nem uma porta.

*Numa mercearia:*

— O senhor quer-me cá para caixeiro?

— Tem prática?

— Estive em casa do sr. Guimarães.

— E porque saíu de lá?

— Porque o sr. Guimarães embirrou comigo, só porque eu lambia as amostas.

Um pobre diabo bate à porta de um quarto de banho.

— Não pode entrar — dizem de dentro.



— *Glorioso poeta.*

*Gostava tanto de possuir um retrato seu!*

— *Oh!... meu amigo!... Enche-me de orgulho!*

— *Era um réclame tão bom para a minha loção capilar!...*

— Ora é bem feito para eu não ser tolo; nunca mais bato à porta de um quarto quando lá houver gente dentro.

Entre esposos:

— Dize-me, Amélia, qual a desgraça que sentirias mais?

— Como te amo muito, Raul, o que sentiria mais é que tu ficasses viuvo.

— Não jogo nunca, porque se ganho um dia, tenho a certeza de perder no dia imediato.

— Faça uma coisa: jogue dia sim, outro não.

*Diálogo entre compadres:*

— Juro-te que não poderia viver sem minha mulher.

— Tanto a amas?

— Não é por isso; é porque ela é quem tem o dinheiro.



Um indivíduo no dia dos anos do filho dá-lhe meia libra em ouro, e diz-lhe:

— Agora vê lá o que fazes com êsse dinheiro. Nada de tolices. Pega na meia libra e compra uma bolsa de prata para a guardares

*Num exame de direito penal:*

— Que vem a ser fraude?

— É uma cousa tal como se V. Ex.<sup>a</sup> me reprovasse.

— Ora essa?! Porquê?

— Porque, segundo o código penal, comete um crime de fraude todo aquele que se aproveita da ignorância d'outrém para o prejudicar.

Um sujeito pretende entrar como sócio numa empresa comercial.

— E o sr. está certo de que tem faro para o negócio?

— Faro? Ora essa! Tenho tres anos de Faro... em casa do Assis.

*O médico:* — Joaquinzinho, deite a língua de fóra.

*Joaquinzinho, muito sério:* Pois não deitaste! Ontem fiz isso ao mestre e ele deu-me logo um puxão de orelhas.

*No clube:*

Uma senhora a um sujeito já velhote:

— Prefere a valsa a dois ou três tempos?

— Oh! minha senhora! o que eu preferia era o tempo das valsas!

Num concerto de música clássica.

— Olha lá: que motivo é este?

— Um motivo fortíssimo para nos irmos embora quanto antes.

No correio:

*Um campónio:* — Faz favor vende-me um selo para esta carta?

*O empregado:* — A carta é muito pesada, tem de levar mais do que um selo.

*O outro, indignado:* — Pois não vê o senhor que quanto mais selos lhe puzer mais pesada fica?

Um sujeito vai andando muito contente com uma ave na mão.

— Que passarôco é êsse! — pergunta-lhe alguém.

— Não sei. Disseram-me que vive duzentos anos, compreio-o para ver se é verdade.

— Porque choras, pequeno?

— Perdi o tostão que o papá me deu.

— Toma lá outro, não chores,

O petiz recebe o tostão e chora com mais força.

— Porque choras agora?

— Porque se não tivesse perdido o outro tostão, tinha agora dois.

Um solteirão dizia para um amigo:

— Não sabes, Maurício? Começo a aborrecer-me profundamente dêste isolamento da vida de celibatário. Sinto-me atraído pelos encantos da joven Sarah,



— *Como cortamos o cabelo?*

— *Não corte muito curto, hein? Não quero parecer uma mulher!...*

e estou resolvido a casar com ela, só para vêr se encontro algum meio de distração...

Casou, e passados alguns meses perguntava-lhe o amigo:

— Então, Carlos, a mulher que te atraiu sempre conseguiu *distrain-te*?

— Fez mais do que isso: *atraiu-me, distraiu-me, e... traíu-me...!*

Num exame:

*O lente:* — De modo que não sabe dizer-me o que é a côr? Vamos a vêr. De que côr é êsse fato que o senhor tem vestido?

— É preto?

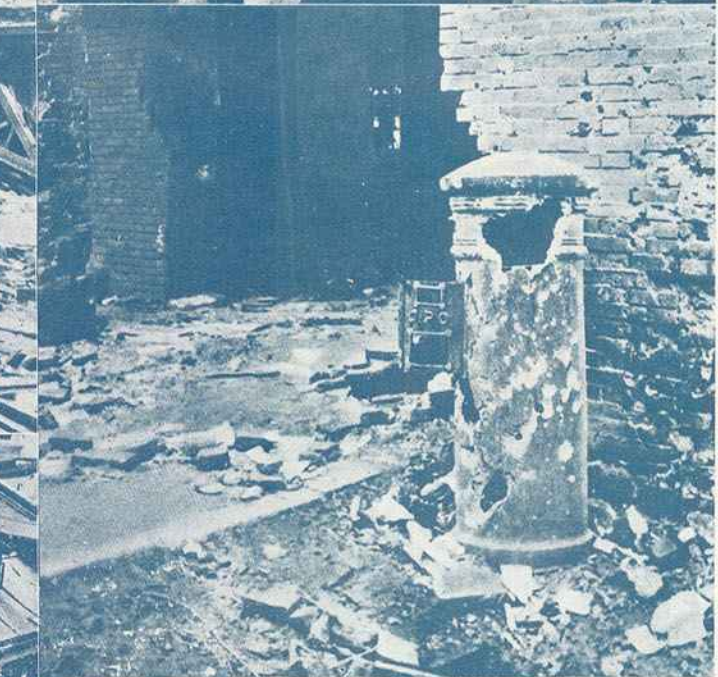
— E porque é preto?

— Porque o mandei tingir o mês passado.

— Ó papá, eu desejava aprender francês.

— Não, filha! para seres como tua mãe acho bastante uma lingua só.

# A GUERRA ENTRE A CHINA E O JAPÃO



Os quatro documentos publicados nesta página dão uma ideia do que está sendo a guerra travada entre a China e o Japão, fazendo prever o que virá a suceder ainda, visto a conflagração do Extremo Oriente estar ainda no seu começo. Em cima, à esquerda: Destroços em Tientsin após um sangüinolento combate em que os chineses desenvolveram uma resistência tenaz. — A' direita: Outro montão de ruínas na mesma cidade, patenteando nitidamente a violência dos bombardeamentos. — Em baixo, à esquerda: O estado a que ficou reduzido a Estação Central de Tientsin. — A' direita: A bela fachada do Palace-Hotel, de Xangai após o bombardeamento



Azevedo o novo guardacostas do grupo nacional, prova pelo seu trabalho em Vigo o interesse com que foi escolhido

As semanas passam e a actividade do desporto português mantém idêntica monotonia, dificultando a missão dum cronista que é forçado a apreciar apenas factos já desaparecidos da tela flagrante da actualidade. Não ha possibilidade de fazer considerações interessantes sobre a marcha normal dum campeonato que avançou duas jornadas mas ainda se encontra muito longe do desfecho, nem importa aos leitores a nossa opinião acerca da vitória do Sporting sobre o Benfica ou das exhibições das novas estrelas Espírito Santo e Azevedo; são acontecimentos que a imprensa diária ou da especialidade apreciou pormenorizadamente a devido tempo e aos quais não importa volver.

No entanto, a quinzena transacta ficou assinalada por um facto que captou todas as atenções do meio e, pelas suas características tradicionais, marca uma data célebre na história do desporto português: referimo-nos ao encontro efectuado em Vigo no domingo passado entre a nossa selecção nacional e o grupo de foot-balistas representante da Espanha Nacionalista.

Mais prontamente do que esperavamos, a Federação Internacional concedeu uma autorização que, vendo bem, interessava aos dois partidos em litígio, pois se os dirigentes nacionalistas espanhóis buscavam a viabilidade de encetar contacto com as representações dos países affectos, também a entidade mandante do lado dos "vermelhos", tinha urgência em prosseguir com a viagem do seu grupo encalhado

em Paris, a gastar sem produzir, e esperado no México para uma série de desafios rendosa.

A decisão ambígua da F. I. F. A. pode tomar-se, assim, como um acto diplomático destinado a agradar a uns e outros; qualquer das facções em que a Espanha se encontra ainda dividida recebeu autorização para estabelecer contacto entre os seus clubes ou grupos seleccionados e idênticas formações dos países filiados naquele organismo, com a única reserva de não poderem ser considerados jogos internacionais aqueles em que uma das selecções espanholas defronte o onze representativo doutra nação.

O jogo de domingo passado não figurará nunca nas tabelas da F. I. F. A. como o seguimento legítimo dos doze encontros Portugal-Espanha que se estendem desde 18 de Dezembro de 1921 a 5 de Maio de 1935; mas o caso pouco importa no

campo prático, porque para todos nós elle comportou as mesmas responsabilidades e revelou-se do mesmo significado moral.

No momento de escrevermos esta crónica, alguns dias antes da data do encontro, o grupo português escolhido por Candido de Oliveira, prepara a sua partida para a risonha cidade galega onde já uma vez, ha quatro anos, deixamos escapar a melhor oportunidade de triunfo; oxalá agora tenhamos sido mais felizes.

A Federação Franceza de Atletismo vai enviar no mez próximo à Africa Ociden-



A aproximação da Esverno trouxe, nos países nórdicos, o reaparecimento das festas de patinagem, tendo constituído enorme éxito a primeira exhibição em Londres da campeã do mundo Cecilia Colledge

# A QUINZENA DESPORTIVA

tal uma missão técnica encarregada de descobrir, entre os indígenas, individuos de classe excepcional capazes de prestar sob as cores da França os mesmos serviços vitoriosos dos negros americanos.

Embora o objectivo da viagem seja apresentado com o disfarce da orientação e desenvolvimento do desporto colonial, transparece claramente nas entrelinhas a verdadeira finalidade, aquela que primeiro indicamos, e que é um último recurso de salvação para o descalabro da modalidade resultante do valor escasso dos especialistas metropolitanos.

A iniciativa merece ser apontada pela sua originalidade e, também, desassombro; reconhecendo que os triunfos conquistados nas pugnas internacionais envolvem, pela importância actual do desporto, o prestigio e a propaganda nacionalis além fronteiras, os dirigentes do atletismo gaulês puzeram de lado preconceitos sedícios e lançaram desassombadamente mão de quantos recursos legítimos a expansão do seu país lhes proporcionava. Este critério em qualquer caso interessante, é sobremaneira importante para uma nação de vasto império colonial como Portugal.

Já por diversas ocasiões temos posto em evidência a vantagem que resultaria para o desporto lusitano do estabelecimento do intercâmbio Metrópole-Colónias e da intensificação e propaganda da prática desportiva entre os muitos milhares de compatriotas que vivem nos territórios de além-mar.

Ha quasi três anos que o problema foi

analizado pelo Congresso dos Clubes mas as conclusões então aprovadas morreram abafadas no esquecimento e nada ainda se tentou no sentido de realizar o que em teoria mereceu aplauso. No entanto, a revelação entre nós dalguns jogadores de foot-ball vindos de Luanda e rapidamente elevados a estrelas devia ter incitado a promoção de qualquer empreendimento neste sentido.

Em Agosto do próximo ano e por iniciativa do governo de Angola, vai ser levada a efeito uma Exposição-Feira na qual se farão representar todas as actividades económicas ou industriais da colónia; na imprensa local sugere-se a hipótese de incluir nessa organização um programa desportivo no qual colaborariam elementos deslocados de Moçambique e do Continente.

Eis a melhor oportunidade para iniciar a campanha de aproximação e propaganda à qual ainda ninguém teve coragem para meter ombros. Não será, talvez, muito difficil conseguir em tais circunstâncias o patrocínio oficial que proporcionasse facilidades de passagem e estadia; a época é excelente, pois coincide com o período de férias durante o qual a deslocação é mais acessível a estudantes e funcionários de qualquer espécie, e entre os elementos praticantes ou dirigentes técnicos com valor marcante não custará encontrar quem aceite com alvoroço o convite para visita, tão agradável, aos irmãos da África Ocidental.

"Os resultados obtidos por um país nas competições internacionais provam,

quando muito, o treino apurado dos individuos excepcionais. É uma questão de escolha e, portanto, de método. Os governos autoritários dispõem neste campo de facilidades que faltam às nossas democracias. Mas o bom estado físico da nação propriamente dita, das suas mulheres, homens e crianças, não fica comprovado pelo facto e é esta segunda demonstração muito mais importante para avaliar com propriedade o grau de desenvolvimento físico dum povo."

Estas são as palavras que abrem o relatório do inquérito a que procedeu na Alemanha o professor Ernesto Loisel, director da Escola Normal de Educação Física de Paris.

Os resultados das suas observações, interessantísimos nos mínimos pormenores, são

sobretudo impressionantes pela parte que se refere à expansão popular do movimento desportivo guiado pelo Estado e impulsionado pelo partido Nacional Socialista. Os números que vamos transcrever, de esmagadora eloquência, ofereceremo-los à meditação dos diversos portugueses com cérebro pensante mas ideias antagónicas para os quais a educação física da mocidade da nossa terra não deve passar além duma passividade meditativa donde o desporto é escorração como um maleficio destruidor.

Existem na Alemanha quatro organizações oficiais que cuidam dos problemas relativos à prática do desporto e da educação física; a Confederação (Reichsbund) que reúne todas as federações desportivas, as mantem sob sua dependência e critério único, contando 2,5 milhões



O avançado-centro Espírito Santo, entre novo recruta para o grupo português também no jogo centra a Espanha satisfaz as esperanças nele depositadas

de filiados activos; os organismos paramilitares da S. S. e da S. A., albergando outros 2,5 milhões de homens; a Juventude Hitleriana com 7 milhões de membros e, finalmente, a K. D. F., "Força pela Alegria", que reúne 6,5 milhões de criaturas, recrutados dos meios populares.

Somando estas parcelas e juntando-lhes ainda 1 milhão de soldados, 500.000 homens dos Campos de Trabalho e 3 milhões de crianças das escolas primárias de idade inferior ao mínimo de admissão na Juventude Hitleriana, encontramos uma multidão de 22 milhões de crianças e adultos de ambos os sexos que cultivam regularmente e por iniciativa do Estado, o desporto, a educação física e os exercícios pré-militares!

SALAZAR CARREIRA.



As exhibições de ginástica de conjunto são na Alemanha, de uso corrente, e nos mais modestos terrenos de qualquer cidade se reúnem algumas centenas de raparigos e rapozas para executar seus exercícios



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.<sup>a</sup> ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Ségurier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Fábula, de Chompré; Rifoneiro, de Pedro Chaves; Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios, de Jaime Rebelo Espanha; e Dicionário de Sinónimos, de J. S. Bandeira.

CORRESPONDÊNCIA

A *Polybo, Bacamate* - Lisboa; e *Zê da Eira* - Luanda. Acusamos a recepção das vossas cartas, que agradecemos, e esperamos que continuéis a remeter assiduamente a vossa prestimosa colaboração.

Por lapso foi devolvida alguma correspondência destinada ao Director desta Secção da qual se solicita uma nova remessa.

ERRATAS

A numeração das parciais da charada n.º 3 do Desporto Mental n.º 1 deve ser: 2-1; e o último símbolo do figurado do Desporto Mental n.º 2, que é uma letra grega, deve ser, para o efeito, considerado em posição invertida.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFO

1) Essa *deusa* aureolada — 8, 2, 4.  
Que a meus sonhos presidida  
De manto níveo, encantada,  
Destiez-me os sonhos um dia.

Cruzámos no meu *caminho* — 7, 6, 4.  
Terno olhar encantador...  
Chovia. Bem regadinho,  
Logo nasceu nosso amor!

Amo e *senhor* me tornei — 1, 9, 7.  
Dessa gentil figurinha,  
A quem a alma entreguei,  
Julgando que era só minha.

De *bom gosto* me gabavam, — 1, 4, 3.  
De inveja amigos mordidos,  
Que muito nos admiravam  
Quando nos viam unidos...

O *mal*, porém, não se evita, — 5, 4, 6.  
Nem o prazer sempre dura.  
Uma cachopa bonita  
Como a traz, leva a ventura!

Triste *data* e negro fado... — 2, 7, 4.  
Ventava nesse momento...  
Trouxe-a a chuva p'ra meu lado,  
De mim a levou o vento...

*Mágoa* profunda senti — 8, 9, 7.  
— O' vento de maldição! —  
Fugiu — nunca mais a vi,  
Fulminou meu coração.

*Pouco* me importa viver, — 5, 4, 3.  
Nem a vida já me presta.  
O meu ancio é morrer,  
E' consolação que resta.

*Porém*, o tempo decorre... — 5, 4, 1.  
E eu, já gasta a saúde,  
Vejo, enfim, que não se morre  
De amor com facilidade...

Reformei a minha norma  
E o coração amoroso...  
Vou proceder doutra forma:  
Ser para «elas» *manhoso*...

Lisboa *Rei-Fera (Póstumo)*

CHARADAS NOVÍSSIMAS

2) *No teu leito de espuma em barco errante...*  
Pois, iludido assim nessa docura,  
Embora no fulgor da fantasia,  
Sentirei mais suave a *desventura*. — 3.  
Até que baixe um dia à terra fria...

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 3

II

É tú, ditosa pátria cintilante,  
Onde a suprema fé se dilatou, —  
Tornando-te famosa e deslumbrante,

Diz-me: quem foi que assim te transformou,  
P'ra não vóces em mim a alma qu'rida  
Que uma mãe carinhosa idolatrou?..

Desanimo na luta pela vida  
Enquanto permaneces indiferente,  
E de atitude mesta empedernida,

Tornando-me *infeliz* e descontente.  
Lisboa *Fero (L. A. C.)*

3) Foi *apenas* um sonho, uma visão, — 1.  
Uma doce quimera auriosada;  
Uma esperança nunca efectivada,  
Um louco desatino... uma ilusão.

Foi um beijo esculpido com paixão  
Nuns lábios de «mulher» apaixonada, — 2.  
Que acariciá e tece uma alvorada  
No seu olhar que tem fascinação...

Foi um raio de luz, sublime enleio,  
Inefável canção, um devancio  
Que despertou em mim suavemente...

Foi assim, êsse amor, essa loucura  
Que passou entre risos e amargura...  
Sem esplendor nem fama... indiferente.  
Lisboa *Barão Y*

ADÁGIOS ANGOLENSES

II

(*Aos charadistas de Luanda*)

4) S.<sup>to</sup> António milagrento,  
Casamenteiro das moças,  
Depara-me um casamento  
O mais depressa que possas.

Implorava a Muchiminha,  
(Conceição gentil beldade.  
Tinha fé, a mulatinha,  
É o santo fez-lhe a *vontade*... — 2.

Deparou-lhe um «companheiro»  
Asselvajado, brutal...  
Beberrana, azeviciro...  
O santo serviu-a mal...

Se «atesta» no «roxo» (é tê-lo!...) — 2.  
Ou no *suco da palmeira* (®) — 2.  
Atira-se à companheira  
A «chegar-lhe a roupa ao pélo»...

(®) Embriaga muito quando fermentado.

ENIGMA FIGURADO



Querem prender o marióla?  
Opõe-se e diz a Muchima (®):  
« — Uanguibêta uanguizola... » —  
(Se me bate é que me estima.)

O homem «toca-lhe a pavana»?  
Faz-lhe o corpo n'um chamiço?  
Pois a indígena angolana  
Tem um grande *prazer* nisso!...

Angola *Jorge de Lucena*

(®) Conceição e coração.

MEFISTOFÉLICA

5) Não me *furta* o coração  
*Qualquer* pessoa malvada...  
Mas não sei por que razão  
Eu ando sempre *agitada*?! (2-2) 3.

Lisboa *Miss Diabo*

TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

6) A tua *doença* tornou-te, *sem dívida*, um grande *caluniador*. 1-1.

Vila do Rei *Dóris I*

7) É *belo*, na aparência, mas com pouca *área* para *nanorar*. 3-1.

Lisboa *Edmaro (L. A. C.)*

8) Tenho o *feitiço* de estar sempre *isolado*, por causa de ser *destro* para qualquer serviço. 2-1.

Luanda *Dr. Sicasar (L. A. C.)*

9) O *maçador* estudante *produz* às vezes, *estirido* dos diabos!... 2-1.

Luanda *Mrs. Le Bossat*

10) Um *cordeiro*, quando avista um *porco*, fica *parado*. 2 1.

Luanda *Ti Beado*

SINCOPADAS

11) É sempre *fantástico*, mas bem *acabado*, todo o meu trabalho. 3-2.

Luanda *Ti Beado*

12) Dei-lhe uma *carga* de pau por ser uma pessoa *impetinente*. 3-2.

Lisboa *Rei Moira*

13) O menino *santo* atravessou a nado o *rio* de *Portugal*! 3-2.

Lisboa *Jónio (L. A. C.)*

14) Quem *pratica* o charadismo presa a sua *língua*. 3-2.

Lisboa *Mirones (L. A. C.)*

15) uma *espia* aqui *idz* 3-2.

Lisboa *Nita*

16) É de *gravidade* comer um *peliseo* a meias com alguém. 3-2.

Luanda *Dr. Licascar (L. A. C.)*

Ao Anauferne

17) Deste-me um *abraço* tão apertado que fiquei com uma costela «*quebrada*». 3-2.

Lisboa *Rina (L. A. C.)*

MEFISTOFÉLICAS

18) Parecem de *gelatina* as *unhas* do *beleguim* (2-2) 3.

Luanda *Ti Beado*

19) A tua *aiá* gostava de te *sovar* para te *abrir* da chuva? (2-2) 3.

Luanda *Dr. Sicasar*

20) Um *tanto* habituado a *viver* *agradavelmente*, não posso admitir a ideia de alguém me *martirizar*. (2-2) 3.

Lisboa *×505*

Toda correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

# O GRANDE DESAFIO

## DE "FOOTBALL" EM VIGO

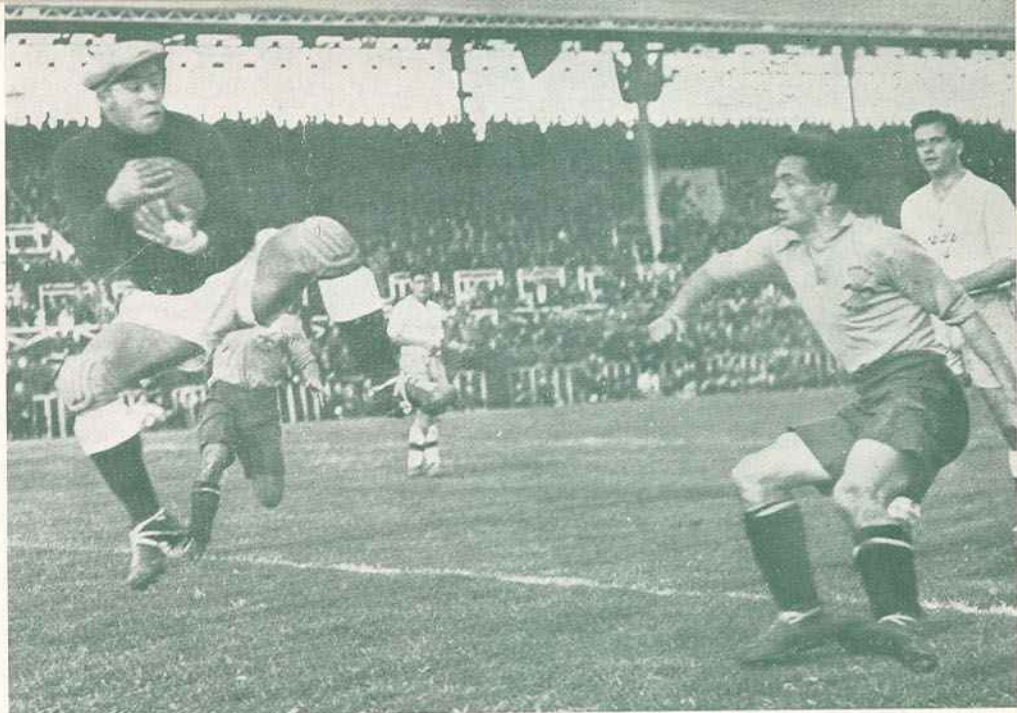
### Portugal 2 — Espanha 1

No passado domingo, realizou-se no Estádio de Balaídos, em Vigo, um grande desafio de «football» que fez vibrar a Alma Portuguesa. Um verdadeiro triunfo! Portugal derrotou pela primeira vez, na grande cidade galega a equipa nacional espanhola. O próprio sol parecia regozijar-se com o acontecimento, iluminando o campo com os seus afagos dourados. Sol de inverno — dirão. Sim, o sol de inverno que, segundo o Poeta,

*dá múltipla luz, mas não aquece nada...*

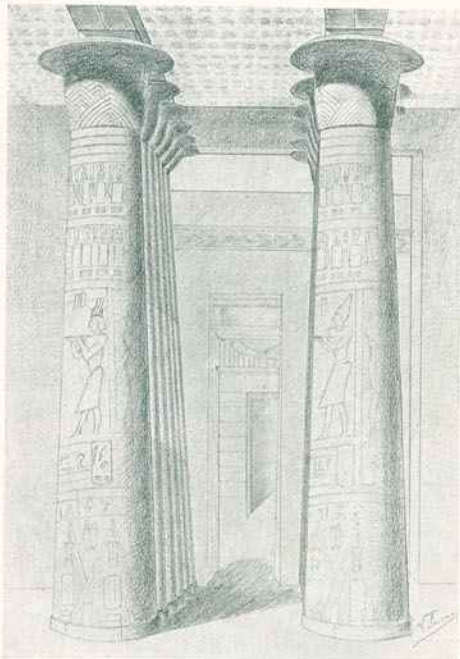
visto o calor se apresentar concentrado nos peitos dos jogadores e nos muitos milhares de entusiastas chegados ansiosamente de todos os pontos da Espanha nacionalista e de Portugal.

Portugal venceu. Daí o júbilo que um ilustre crítico desportivo definiu assim: O «Portugal-Espanha» deixou de ser «o jogo que nunca ganhamos». A selecção portuguesa, vencedora das selecções francesa, italiana, húngara, chilena, jugoslava, checo-eslovaca e belga, é também, agora, vencedora da selecção de Espanha.



Em cima: Um curioso instantâneo do desafio Portugal-Espanha em que cada uma das equipas defenderam denodadamente o brio da sua nacionalidade. — Ao centro: o «onze» de Portugal e o «onze» de Espanha. — Em baixo: O momento em que os espanhóis, pretendendo ver irregularidade na jogada de Espírito Santo, reclamam a paragem do jogo. — A' direita: Os espanhóis, num ímpeto formidável, tentam romper a defesa portuguesa que se mantém firme





Ala central duma sala hipóstila

aram a colocar nos túmulos, estatuetas chamadas figuras funerárias. Estas figuras, geralmente têm instrumentos de agricultura nas mãos, que se cruzam sobre o peito. Eram os criados, destinados a servir na outra vida, o seu amo.

As paredes dos túmulos egípcios, eram autênticas biografias do morto, e, exposição da vida naquela época, de tal forma estão desenhadas e gravadas em baixos relevos com factos referentes ao morto. Assim, representavam a apanha do linho, a ceifa do trigo e as diversas fases por que êle passava, até o padeiro o ir entregar já cozido ao morto.

Nêste período, os egípcios, comecam também a querer reproduzir cenas da segunda vida, representando o paraíso dos mortos divinizados.

Todo o túmulo tem uma stéla, isto é, uma coluna de pedra com inscrições, e, geralmente ornada de pinturas e esculturas referentes ao morto.

Os templos egípcios têm o formato dum tronco de pirâmide. À porta de entrada existem duas altas torres quadradas e de encontro à fachada estão dispostos enormes colossos. O templo, é precedido duma avenida ladeada de esfinges. À entrada, encontra-se um pátio que conduz a uma grande sala, chamada sala hipóstila, reservada aos sacerdotes. Os tectos de tôdas as salas, são sustentados por enormes colunas, empregando-se o princípio da estabilidade inerte.

As colunas têm só corpo e capitel, não têm base. Nestas colunas egípcias, encontram-se uma grande variedade de capiteis. Os principais são: o lotiforme, representando uma espécie de cone truncado, assemelhando-se a uma flor de lotus; o campaniforme, com a forma duma campânula; o papiroforme, assemelhando-se a uma flor de papiro; e o da deusa Hathor, representando a cabeça da deusa. O mais antigo é o lotiforme.

Nos capiteis egípcios, sobretudo naqueles cuja ornamentação era por vezes esculpida ou pintada, a decoração era diferente de coluna para coluna. Os tectos eram geralmente pintados de azul. Dentre o azul, sobressaía uma sementeira de estrelas douradas e grandes figuras com a cabeça de aves e corpo de pessoas.

Na ornamentação, os artistas empregaram primeiro os motivos alternativamente em relevo e escavados, formando ângulos e entrelaçamentos, que se encontram na infância da arte decorativa de todos os povos. Pouco a pouco, as combinações desenvolvem-se e chegam a motivos compostos de caules recurvados e enrolados e conjugados pelo pé, guarnecidos de lotus e rosáceas.

# NA PÁTRIA DOS FARAÓS

## A PRECIOSA ARTE DO POVO EGÍPCIO

Há frisos que representam o Nilo. Das suas ondulações emergem os lotus de longas hastes. Há frisos compostos da mesma flor de lotus encimadas sobre um pedúnculo alternando com um bolão ou um fruto mais pequeno.

É assim, que os decoradores chegam à composição de repetição alternativa de motivos diferentes, e, mais freqüentemente formando contraste. Assim colocam por alternativa uma grande flor de lotus, uma mais pequena e um bolão. As extremidades das hastes recurvadas em semi-círculo, determinam uma rosácea. Este tema, encontrado num túmulo em Tebas, foi utilizado depois em tôdas as épocas da arte.

Dois espécies de plantas aquáticas, o papiro e o lotus, são particularmente notáveis, tanto na decoração religiosa e da literatura sagrada, como na decoração de monumentos e de objectos usuais.

O lotus, é muitas vezes representado conjuntamente com o papiro. As flores e os botões são coloridos, muitas vezes de vermelhão, de azul, de amarelo e até de verde. O lotus era o emblema místico do alto Egipto e o papiro o emblema do Delta. O lotus por vezes simbolizava a fecundação, a vida e a imortalidade.

A esfinge era o símbolo da força unida à inteligência e tinha umas vezes cabeça de ave, outras de homem e até, por vezes, de outros animais.

O leão, pela sua força, produziu sobre os egípcios, como sobre todos os outros povos do oriente, uma profunda admiração.

A escultura dos baixos relevos, era quasi sempre pintada. Os egípcios, mostram-nos representações em baixo relevo, dum vigor e dum estilo admiráveis. As cores mais empregadas, são o branco, o



Túmulo das Califas, no Cairo

preto, o azul, o vermelho, o castanho, o verde e o amarelo. Algumas vezes aplicavam sobre as pinturas um verniz composto duma matéria resinosa que enegrecia com o tempo e destruía as cores, no entanto encontram-se pinturas interiores e exteriores muito bem conservadas.

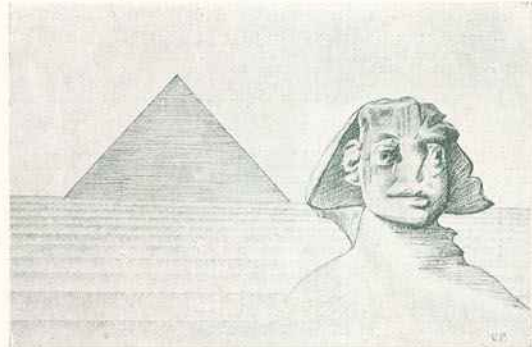
Nas pinturas, como nos baixos relevos, as figuras de perfil se bem que o corpo fique muitas vezes de frente ou a três quartos. Os olhos são desenhados de frente e à superfície do rosto. A cor distingue os dois sexos. O corpo do homem é geralmente pintado de amarelo claro. Tanto o homem como a mulher são representados na plenitude do seu vigor, isto é, jovens; a mulher com uma esbelta e uma elegância de formas ideais.

No antigo império ou menfítico, tinham o hábito de representar a cabeça humana demasiado grande, por parecer o mais importante do corpo.

O homem é ordinariamente representado de perfil e com a perna esquerda para a frente, de maneira a olhar para a direita.

Nos homens reproduzem somente os

ombros de frente, enquanto que o peito fica reduzido a um plano limitado por perspectivas de perfil, e o ventre, que por indicação do umbigo, dentro do contorno da perspectiva de perfil, parece reproduzido em perspectiva a três quartos.



A grande esfinge de Gizé coberta pelos areias do deserto

Os egípcios, tentaram reproduzir a figura humana, de modo que o esboço contivesse tudo de essencial. Tinham por regra, desenhar as figuras segundo a sua categoria, de maneira a que as secundárias ficassem subordinadas à principal.

Assim, segundo esta praxe, êles representavam em 1.º lugar o homem, a mulher e depois os filhos; ou o rei e depois o seu séquito. A representação dos animais, está sujeita às mesmas leis. Nenhum outro povo antigo reproduziu o reino animal de modo mais característico que o egípcio.

As tendências vegetalistas dos egípcios,

vêm das antigas habitações, construídas de bambú. As paredes eram ligadas com filamentos de palmeira e o tecto feito também de varas de bambú, enlaçadas pelos mesmos filamentos. Os tectos, eram cobertos por uma camada de terra amassada com água. As barracas assim construídas, duravam imenso tempo, em virtude do clima ser muito seco.

As suas tendências vegetalistas tiveram assim o seu início. Todos os seus monumentos têm esse carácter. Da mesma forma, construíram as suas colunas fundamentais, inspirando-se na natureza.

VIRGÍLIO ARTUR PASSOS.



Na arte do povo egípcio, que foi quem até hoje melhor soube estilizar, há três grandes períodos. Costumam êstes designar-se, com o nome da cidade que servia de capital, às dinastias reinantes.

O primeiro período ou menfítico, representa um alto grau de civilização egípcia. Salienta-se pela escultura e pelas colossais pirâmides, famosas em todo o mundo. Ao segundo período ou tebano, corresponde o apogeu da arte egípcia.

No terceiro período ou saíta, a arte enfraqueceu e recebeu depois, ligeira influência grega.

No ano 30, antes de Cristo, o Egipto caiu sob a dominação romana e em 381, da nossa era, a religião cristã foi declarada religião do Estado, sendo então as estátuas destruídas e os templos mutilados.

A arte do período menfítico foi por muito tempo menos conhecida do que a do período tebano.

Por uma concepção religiosa, os egípcios procuravam alojar os cadáveres numa moradia apropriada à sua nova e misteriosa existência.

Os primeiros túmulos menfíticos chamam-se mastabas, sendo as pirâmides túmulos reais da 4.ª dinastia e os hipogeuos, túmulos cavados nas rochas, da décima segunda dinastia. A entrada da necrópole de Gizé, onde existem as pirâmides, levantava-se a grande esfinge, imagem do sol-nascente, animal simbólico de corpo de leão e cabeça de homem. Esta esfinge imóvel era a eterna guarda do cemitério.

No período tebano, os egípcios come-

**Novo titular**

A comissão de Verificação e Registo de Mercês, registou ser a sr.<sup>a</sup> D. Maria Sofia de Menezes Cardoso e Silva (Godim), a filha mais velha do falecido sr. visconde de Godim, sendo portanto autorizada a uzar o título de seu falecido pai.

**Casamentos**

Celebrado por Sua Eminência o sr. Patriarca das Índias Orientais e Primaz do Oriente, realizou-se no Palácio Patriarcal de Nova-Góia, o enlace matrimonial da sr.<sup>a</sup> D. Beatriz Menezes, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Lucinda de Noronha e Menezes e do sr. António de Menezes, já falecido, com o sr. Viriato de Albuquerque, ilustre oficial das Alfândegas da Índia, filho da sr.<sup>a</sup> D. Augusta Pinto de Albuquerque e do sr. Caetano Filipe de Albuquerque, sub-director de Fazenda da Índia.

— Na paróquia das Mercês, celebrou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Domingas Luiza de Souza Coutinho, gentil sobrinha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Domingas de Souza Coutinho Rebelo da Silva e do nosso querido amigo sr. Jorge Rebelo da Silva, com o sr. Manuel Luís das Mercês de Carvalho Daun e Lorêna (Pombal).

Fôram madrinhas da noiva sua tia e sua prima a sr.<sup>a</sup> D. Maria Madalena Soto Maior Pinto Basto e padrinhos do noivo seu tio materno o sr. D. António Maria Corrêa de Sampaio e o sr. D. Fernando da Câmara de Castelo Branco (Pombeiro).

Presidiu ao acto o prior da freguesia reverendo Augusto José Marques Soares, que antes da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Durante a cerimónia fôram executados no côro por um terceto de violino, violoncelo e órgão, vários trechos de música sacra.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos tios da noiva, à rua do Século, um finíssimo lanche, da pastelaria «Bernard», seguindo os noivos depois para o Mont' Estoril, onde fôram passar a lua de mel, ficando depois residindo em Lisboa.

Em uma das salas do rés-do-chão, da elegante residência da sr.<sup>a</sup> D. Maria Domingas de Souza Coutinho Rebelo da Silva e do sr. Jorge Rebelo da Silva, encontram-se expostas as prendas oferecidas aos noivos, notando-se grande numero de alto valor.

Na assistência à cerimónia recorda-nos ter visto as seguintes pessoas:

Marquês e marquesa de Pombal, conde e condessa de S. Tiago, conde e condessa de Vale de Reis, visconde e viscondessa dos Olivais, barão e baronesa de S. Cosme, Guilherme Ferreira Pinto Basto e D. Branca de Atouguia Pinto Basto, António Ferreira Pinto Basto e D. Maria de Lancaster Van-Zeler, D. António Maria Corrêa de Sampaio, José Viana Ferreira Roquete e D. Maria Leonor Corrêa de Sampaio Roquete e filhas, D. Teresa da Câmara de Carvalho Daun e Lorena, D. Maria das Dores Corrêa de Sampaio Brandão de Melo, D. João Portugal e Castro, D. Maria Duffner de Portugal e Castro, D. António de Portugal e Castro e D. Maria da Câmara de Portugal e Castro, Eduardo Luis Pinto Basto, D. Maria Madalena Soto Maior Pinto Basto e filha, D. Maria do Pilar Soto Maior Pinto Basto e filha, D. Maria Antónia Corrêa de Sampaio de Castelo Branco, D. Emília Pinheiro Pinto Basto e filha, Leopoldo Rebelo da Silva e D. Alice Ferreira Braga Rebelo da Silva, D. Maria da Nazaré de Almeida de Carvalho Daun e Lorena, D. Maria Adelaide Daun e Lorena de Carvalho Nunes, D. Maria de Almeida de Carvalho Daun e Lorena Bruges de Oliveira, D. Maria Inácia de Castelbranco, D. José Luis de Saldanha Oliveira e Sousa (Rio Maior), Manuel de Bivar e D. Maria Emília Cassiano Neves de Bivar, D. Maria Joaquina Corrêa de Sampaio Roquete de Mendonça, D. José de Sousa Coutinho (Redondo), D. Maria Helena Varzea Pinto Basto, D. Maria Teresa de Lancaster Ferraz de Castelo Branco, D. Consuelo Centeno de Sousa Coutinho, D. Luiza de Avilez Corrêa de Sampaio, D. Maria Rita Daun e Lorena de Calheiros e Menezes, D. Mar ana da Câmara de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Fernando da Câmara de Castelo Branco (Pombeiro), D. Maria da Luz Vilar Chaves, D. Maria Perestrelo de Matos Figueiredo Cabral, D. Maria de Lourdes e D. Maria Teresa de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Maria Isabel Amado Braamcamp Freire (Almetrim), José Amado, D. Maria Teresa da Câmara Pinto Coelho, D. Maria Elisa Cabral, D. Maria Teresa da Cunha e Silva, D. Maria Júlia e D. Branca Maria Caidns, D. Maria Leonor de Almeida de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Maria Teresa Ferrão, Francisco de Melo Brenner, Cardoso de Menezes (Margaride) D. Manuel Alves de Carvalho Lobo da Silveira (Alvito), José Campos de Sousa, Francisco Pinto Coelho, Joaquim Soto Maior Pinto Basto, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc.

Os ilustres donos da casa, coadjuvados por várias pessoas da família, foram de uma cativante amabilidade para com os seus convidados, pondo assim mais uma vez em destaque as suas fidalgas qualidades de caracter.

— Celebrou-se na paróquia de S. Sebastião

da Pedreira, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Margarida de Heredia Cirne Deslandes, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Vitória de Heredia do Amaral Cirne Deslandes, já falecida e do capitão de cavalaria sr. Manuel Venancio Deslandes, com o sr. Marcelino Nunes Corrêa Junior, filho da sr.<sup>a</sup> D. Leopoldina Nunes Corrêa e do sr. Marcelino Nunes Corrêa, tendo servido de madrinhas, as sr.<sup>as</sup> D. Maria de Heredia da Veiga Ventura, prima da noiva e D. Piedade Nunes Corrêa Gonçalves, irmã do noivo e de padrinhos os srs. D. Francisco de Heredia, primo da noiva e Manuel Gonçalves, cunhado do noivo.

do sr. João Simões, a sr.<sup>a</sup> D. Maria José do Casal Ribeiro da Cunha e Foyos, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição do Casal Ribeiro da Cunha e Foyos e do sr. Fernando da Cunha e Foyos, devendo a cerimónia realizar-se no próximo ano.

— Com um caracter de muita intimidade, celebrou-se na capela da Casa da Seara, em Entre-os-Rios, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Elvira de Lemos Barroso Pereira, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Eduarda de Lemos Barroso Pereira e do sr. António Barroso Pereira já falecida e neta do escritor sr. Eduardo de Lemos, com seu primo o sr. Francisco Valério Teixeira Bastos Neves Pereira, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Jacinta Teixeira Bastos Neves Pereira e do sr. dr. João Valério Neves Pereira, e neto do falecido escritor Teixeira

# VIDA ELEGANTE

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos, a-quém fôram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o norte, onde fôram passar a lua de mel.

— Realizou-se com muita intimidade, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Aurora da Silva Clara, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Palmira da Silva Clara e do sr. José Maria Clara, com o sr. Mário Soares Cardoso Martins, filho da sr.<sup>a</sup> D. Emília Soares Cardoso Martins e do sr. José Soares Martins servindo de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Eulália da Silva Clara e D. Alda Corrêa e de padrinhos os srs. José Joaquim Real e António da Silva Araujo.

Terminada a cerimónia foi servido no salão do primeiro andar de restaurante Café-Tavares, um finíssimo almoço, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Em capela armada na residência da sr.<sup>a</sup> D. Carlota Graça, tia da noiva, celebrou-se presidido pelo reverendo prior de S. Sebastião da Pedreira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Sílvia Queiroz Costa, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria José Queiroz Costa e do sr. Joaquim Queiroz Costa, com o sr. dr. Luís Malheiro Dias, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Luiza Malheiro Dias e do ilustre escritor sr. Carlos Malheiro Dias, tendo servido de madrinhas a tia da noiva e a mãe do noivo e de padrinhos o sr. Albino da Silva Guimarães e o pai do noivo. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Acabada a cerimónia foi servido no salão de mesa, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos, a-quém fôram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para a sua quinta em Vizela, onde fôram passar a lua de mel.

— Pela sr.<sup>a</sup> D. Mariana Costa Pires Simões, esposa do sr. Américo Simões, foi pedida em casamento para seu cunhado o sr. João Simões Junior, filho da sr.<sup>a</sup> D. Tomásia Pires Simões e

Bastos, servindo de padrinhos por parte da noiva, sua mãe, sua tia a sr.<sup>a</sup> D. Mafalda Barroso Pereira Bravo Torres, e seu cunhado o sr. José Leite Perry de Sousa Gomes, e por parte do noivo, sua tia a sr.<sup>a</sup> D. Palmira do Rego Vila-verde Teixeira Bastos, seu pai e seu tio o sr. Dr. Oscar Teixeira Bastos, presidindo ao acto o irmão da noiva, prior de Varzea do Douro, reverendo Eugénio de Lemos Barroso Pereira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Para seu filho Paulo José, foi pedida em casamento pela sr.<sup>a</sup> D. Maria Amélia Vidal Abreu, viuva do sr. Francisco António Carvalho Abreu, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Elena Gerardo da Maia, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Zéa Pereira Coutinho da Maia e do sr. João Gerardo Garcia da Maia, presidente da comissão Concelhia da União Nacional da Azambuja; devendo a cerimónia realizar-se no meado do próximo ano.

**Nascimentos**

— A sr. D. Maria Luiza Colen Guerra Jardim Portela, esposa do nosso presado colega do «Diário de Lisboa», sr. Artur Portela. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

— Na Casa de Saude de Benfica, teve o seu bom sucesso, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Zeraida Salema de Castro Arame, esposa do distinto clinico sr. dr. Castro Amaro, assistida pelo distinto clinico sr. dr. D. Pedro da Cunha (Olhão). Mãe e filha estão felizmente bem.

— A sr.<sup>a</sup> condessa de Tomar, teve o seu bom sucesso. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

D. NUNO.



Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Beatriz Menezes com o sr. Viriato de Albuquerque

# RAJÁS DA ÍNDIA

**H**á países que ficam na tradição como terras de grandiosidade, como países de fadas. A sumptuosidade de seus palácios, a riqueza dos seus reis, a beleza das suas paisagens, fazem desses países, um sonho. O Oriente é todo ele uma fonte de fantasia, para os que sonham com as coisas grandiosas, com jóias fabulosas, palácios encantados, florestas tenebrosas.

A Índia é no Oriente um país de sonho como outro não há. As suas florestas de árvores perfumadas, de madeiras ricas, de sândalo, de chano, algumas dessas árvores com aspectos estranhos que lembram animais fantásticos. Flores de cores vibrantes, mas de formas feias, que lembram insectos, perfumam a atmosfera ardente e húmida em que de um dia para o outro reverdescem em folhagem forte, os mais secos troncos, e, em que de um dia para o outro apodrecem e se desfazem em húmus, as folhas que caem, os troncos que morrem.

Nessas florestas a força da natureza atinge o máximo da violência. Ao lado duma delicada flor, dorme enroscada, uma venenosa serpente, no ramo da perfumada árvore da canela, faz os seus trinados uma ave de brilhante plumagem, mas entre as verdes folhas espreitam os olhos glaucos e verdes, dum cruel tigre real, que espera a passagem da vítima que há de saciar, não a sua fome que muitas vezes a não tem, mas a sua implacável sede de sangue e o seu desejo feroz de dilacerar com os dentes e com as garras, as carnes quentes e palpitantes, ainda, de vida.

A paisagem é bela mas em volta sente-se a traição e o europeu que tenta viver nela, uma vida civilizada, vive rodeado de perigos numa arrepiante atmosfera de alerta.

As suas montanhas colossais e escavadas algumas, são ainda teatro de fantásticas cenas duma religião em que o sacrifício sanguinolento não deixa de ir, até ao da vida humana.

Palácios maravilhosos duma sumptuosidade, de que quem ali não foi nunca, não pode imaginar por grande que seja a sua fantasia, abrigam os seus «rajás», senhores de fortunas fantásticas.

Os seus templos assombro de grandiosidade maravilham-nos e aterram-nos, pela sua arte em que a par duma requintada ciência de escultura se concebe a mais horrível faceta da humanidade.

Pierre Loti o grande evocador do Oriente o apaixonado de exotismo deu-nos alguns dos seus livros a descrição maravilhosa da Índia, dos seus encantos e das suas apavorantes facetas de país misterioso e estranho, invadido por europeus, que os naturais, embora o disfarcessem com a diplomacia oriental, não podem suportar.

Uma das suas mais belas descrições da Índia é: «L'Inde sans les Anglais». Mostra-nos aí essa parte da Índia em que raramente o europeu penetra e que é talvez aquela onde ainda vibra e palpita em toda a sua força, e, toda a sua violência a alma indú, essa alma que disfarça a sua violência feroz, com o enigmático sorriso oriental, com essa ambígua cortesia que nós europeus não sabemos se é acolhedora ou irónica, mas na qual sentimos instintiva antipatia ou repulsa.

Mas não é dessa Índia que não conheço que lhes vou falar, mas sim dos seus «Rajás», fabulosos príncipes de contos de fadas, que se sentem atraídos pela Europa e pela civilizada vida das capitais mundiais, vida que por mais grandiosa que ela seja há-de parecer sempre mesquinha e acanhada, aos seus olhos habituados à mais rica sumptuosidade, vida oprimida para eles habituados a mandar e a dominar em extensíssimas regiões que se estendem pelo país, senhores de mar, de florestas, de campos imensos, que uma população completa de gente de raça que eles consideram ínfima, trabalha e grangeia para manter a sua vida de fabulosa riqueza.

Palácios onde vive uma população, onde as fontes de cristalinas águas cantam e murmuram sobre róseos mármoreos ou em púrpureas taças de pórfiro, onde sobre os leitos de sândalo, cobertos de setins brilhantes, profusamente bor-

dados e rematados por perolas e pedrarias brilham e, onde vivem como nos contos das mil e uma noites, são a sua habitação de sempre.

Por mais dispendiosa e rica que seja a sua vida na Europa eles devem sentir a mesquinhez da nossa vida de civilizados, ao lado da grandiosidade da sua vida de orientais duma muito mais antiga civilização e dum luxo inegalável, e esplendoroso.

Na Índia inglesa há inúmeros «Rajás», que se adaptaram completamente à maneira de viver inglesa aos seus hábitos e costumes e aqui nesta altura temos de nos curvar diante da maneira de ver dos nossos velhos aliados.

Seja qual for o país em que dominem, em que entrem, em que vivam, por mais deslumbrante que seja a paisagem, por mais grandiosa que seja a riqueza e a vida dos habitantes da região, os subditos de Sua Majestade Britânica vivem a sua vida de sempre, em Bombaim, no Cairo, na Palestina, na Austrália, na China, na Africa, eles vivem como Mayfair em Londres, no Dorset, na Escócia, a mesma vida, dormindo nas mesmas camas, comendo o mesmo «roast-beef», bebendo o mesmo chá, o mesmo vinho do Porto, jogando o «tennis», fazendo «golf», «polo» e todos os seus desportos favoritos e o que é admirável é que não só fazem a sua vida como acabam por impô-la e fazê-la adoptar pelos naturais do país onde se instalam e onde imperam.

Na fechada e misteriosa Índia como em todas as outras pontas da sua dominação os «Rajás» e os Magnates adoptaram hábitos e costumes ingleses e de tal maneira que acabaram por educar os seus filhos na Inglaterra e fazer deles verdadeiros ingleses, embora conservem os seus títulos e o seu traço nacional, porque é outra habilidade da infiltração inglesa, o respeito pelos hábitos indígenas.

Em Londres são inúmeros os «Rajás» e filhos de «Rajás» que enxameiam na alta sociedade inglesa, e enchem os colégios nobres e não nobres e as Universidades de Cambridge e Oxford.

São mundialmente conhecidos os «Rajás» que trocam a sua vida de nobéssimos orientais pelos prazeres de Paris, Londres, Roma ou Berlim, mas sobretudo em Londres há imensos embora o clima da grande metrópole não deva ser favorável aos orientais, habituados a climas muito diferentes.

O «Rajá» de Kapurtala foi um dos mais conhecidos, aqui há anos, porque se celebrou pelo seu casamento com uma linda espanhola Anita Delgado, que não pode nunca viver na Índia porque a paixão que inspirava ao seu marido das mil e uma noites, causava um tal rancor às índus suas antigas mulheres, que a vida da bela espanhola perigava, atentados orientais de que a violência era excluída, todos os dias a ameaçavam, uma cobra, uma víbora colocada nos seus sapatos, subtis venenos na sua alimentação, tornavam impossível a vida à usurpadora europeia, que tomara posse de todos os carinhos do senhor de Kapurtala.

Hoje em dia o mais inglês de todos os «Rajás» é sem dúvida Sua Alteza o «Rajá» de Rajpipla, príncipe reinante na Índia, e, um dos maiores amigos da Inglaterra como o provou durante a guerra, prestando os maiores serviços a este país.

Habitando Londres grandes temporadas; é um desportista apaixonado e conhecidíssimo em todos os meios desportistas de Londres.

Senhor duma cavalaria célebre tem ganho o Derby com o seu cavalo «Windoor lod» tão célebre nos meios desportistas de Londres como o seu dono, o príncipe oriental.



Rajá Rajpipla

A vida inglesa tão cheia de atrativos na sua simplicidade, conquista estes orientais, habituados a uma complicada vida da sua tão antiga civilização.

Os palácios de inauditas riquezas, as pérolas de Ceilão, as esmeraldas, os rubis, as safiras e os brilhantes, as florestas perfumadas, atravessadas por rebanhos de elefantes, povoadas de tigres, cheias de perigos e de encantos, a vida de senhores em procissões de palanquins e em diversões de solene aspecto, são facilmente trocadas pelos «Rajás» da Índia inglesa, por uma tarde de corridas em Ascot, onde o setim branco do seu dolman é tocado pela multidão que se comprime, onde só os que os conhecem os cumprimentam, eles que no seu país de sonho, só vêm à sua passagem corpos posternados.

Num ponto o mais completo respeito à sua passagem, no outro olhares curiosos. No seu país as senhoras da sua família não são sequer olhadas, em Londres todos olham curiosamente as mulheres que — coisa curiosa — raramente abandonam o seu traço nacional e são ponto de mira das multidões ávidas de originalidade.

Qual será o íntimo sentir destes «Rajás» da Índia, senhores de maravilhas, de riquezas colossais, de encantadoras regiões que trocam pela vida da Europa, apertada em férreas leis, acanhada e mesquinha, ao compará-la com a vida oriental?

Talvez este sentimento de liberdade que sente todo o homem que vive esmagado na sua grandeza e que prefere o anonimato, no meio da multidão indiferente.

Seja qual for o motivo o caso é que os ingleses conseguiram impôr na Índia, a sua civilização tão própria, e, tão impositiva e que atraíram à vida inglesa às suas distrações e aos seus hábitos esses príncipes de luxo oriental, reinantes e senhores absolutos nos seus territórios de extranha beleza e de incomparável riqueza e fizeram «gentlemen» apurados e entusiastas, desportistas apaixonados, londrinos de facto inglês, os «Rajás» da Índia.

Mas se o poeta dizia evocando essas regiões de sonho:

*A Índia! Não sonhais o que é  
É um solo de amassadas flores  
Rica em tais esplendores  
Que cansam a nossa fé...*

a Grã Bretanha soube compreender tudo isso...

MARIA DE EÇA.



nhcimentos de enfermagem, pois ela é sem dúvida alguma a enfermeira da família, e, que a Providência Divina entregou à sua guarda.

Tem de ter conhecimentos de puericultura para saber como tratar os seus filhos se tiver a suprema honra de ser mãe, e, o encargo tão dignificante de criar e educar cidadãos úteis e mães de família, que continuem o seu exemplo.

Porque é preciso que a mulher não esqueça que quando casa e funda um lar, a suprema felicidade desse lar é o penhor da bênção Divina nesse lar, é a maternidade.

E um ócio muitas vezes doloroso pois se a maternidade traz infindáveis alegrias, traz também graves responsabilidades e infindas preocupações, se não traz também dolorosíssimos desgostos, mas os perigos não isentam do dever, e o sacrifício é uma obrigação, que nos acompanha, quisit desde que abrimos os olhos para o mundo.

É portanto necessário que a mulher de amanhã, tenha a educação necessária para cumprir os seus deveres de mulher e que a sua educação de passarinho, enlameado de brilhantes cores, que era a de dantes, não seja hoje a dum ente fora do seu sexo, androginia intelectual, que considera infimas as ocupações de mulher e doloroso o papel de mãe.

Tem de haver um cuidado especial com a educação e a formação da mulher, para que a mulher portuguesa seja um exemplo e para que de futuro nos possamos orgulhar das nossas mulheres, como actualmente nos orgulhamos de algumas figuras, que no passado, foram a glória da Pátria.

É hoje 1.º de Dezembro dia em que denotamos religiosamente lembrar a heróica mãe que foi D. Filipa de Vilhena, mãe que criou e educou os seus filhos para serem bons patriotas, e, que ela mesma foi mou cavaleiros e poladinos da Independência Nacional, que o seu exemplo tão nobre e materno a heroica como encarnou as suas responsabilidades de esposa e mãe, fratic e faça compreender às mulheres de hoje que ser mulher tem altas responsabilidades.

A vida da mulher não pode ser um encadeamento de divertimentos, em que apenas exige uma brilhante e boa educação masculina, que tem de ser detizado ao homem.

A mulher tem de ser profundamente feminina e educada de forma a poder desempenhar a sua nobre missão, de sacrifício mas de glória, e, o seu dentro do seu lar, o que foi D. Filipa de Vilhena a instigadora dum elevado procedimento e de nobres acções.

MARIA DE EÇA.

A moda

ESTAMOS em plena estação de inverno aproximam-se as festas do Natal e toda a mulher elegante quer pôr em ordem o seu guarda vestidos, e, tomarem-se de tudo o que torna a mulher verdadeiramente «chics».

Não está só na variedade das «toilettes» a elegância nem no seu preço mais ou menos exagerado, mas também na maneira de usar as coisas e também na escolha, a mulher que sabe vestir, procura cuidadosamente o que lhe fica bem e pode realçar o seu tipo de beleza.

Não é muitas vezes o exagero nem o valor da «toilette» o que a torna notável, mas sim a maneira graciosa como é usada, ou ainda a harmonia estabelecida entre o físico da senhora que a usa, e, o tecido e cores que se adaptam admiravelmente a esse tipo de mulher.

Esta é a verdadeira arte do vestir, porque há diversas maneiras de vestir. Pode vestir-se com luxo, com pósto, com espalhação, e, pode vestir-se numa senhora com arte. Esta é a maneira mais difícil de vestir, porque subintende, numa inteligência especial para o assunto, inteligência, que faz valer tudo o que há de belo numa mulher e sabe esconder todos os defeitos; «Não há bela sem senão».

É pois essa arte que todas as senhoras devem pôr, na escolha das suas «toilettes» de inverno, «toilettes» que durante meses, vão adornar a sua beleza, faz-la brilhar, e levantar a fama de mulheres elegantes e verdadeiramente «chics».

A simplicidade não deve ser excluída pois que é um elemento que se não deve desprezar na valorização da elegância feminina.

Damos hoje uma linda «toilette» da maior sim-

# PÁGINAS FEMININAS

plicidade de linhas embora dum complicado trabalho. É um vestido em pano cinzento claro tolo souchatoch, o bordado «souchache» que tanto se usou já, tinha desaparecido por completo, voltou agora e com o maior entusiasmo, este vestido justo ao corpo não tem outra garnição, as mangas amplas e bem falhadas dão toda a graça à linha dos hombros.

Cinto em camurça preta, sapatos na mesma pele, carteira e luvas pretas, com um gracioso chapéu em feltro preto completam esta linda «toilette» usada por June Clayworth a linda «estrela» da Metro Goldwyn Mayer.

Nos chapéus há modelos dum atrevido exotismo mas que são interessantes para as frescas rararigas em plena juventude. Damos hoje um modelo usado por Ann Rutherford, uma das mais elegantes artistas de Hollywood. Em forma de barrete frígido é feito em veludo de três cores combinadas, que mais contribuem para a novidade do chapéu. Azul, verde e cor de coral formam esse originalíssimo conjunto.

Para a noite vê-se mais do que nunca a sandália prateada ou dourada, usada sem meias, damos como curiosidade um modelo, mas não osamos aconselhar o seu uso.

Primeiro porque exige um irrepreensível pé estatuário, que nem toda a gente possui, depois porque o seu tratamento deve ser cuidadíssimo, e, ainda porque mostrar os pés nus é dum gosto bastante duvidoso, mas nas crónicas de modas tudo tem de ser aproximado e exposto ao gosto das leitoras.

Este ano vê-se aparecer mais cedo nos centros elegantes de Paris os casacos de peles, que estavam um pouco abandonados estes últimos anos.

Damos hoje um elegantíssimo modelo visto nas corridas de Loupchamp. Em magnífica lon-



tra, pelo seu corte amplo de mangas «raplan», gola pequena em pé, e, fartas bandas, tem um cunho de elegância de bom tom; o fórró é em setim cor de banana.

Chapéu em veludo preto e pequeno véu muito transparente.

Para a noite mais do que nunca voltam a usar-se as luvas e as pulseiras. Damos hoje um modelo de luvas em veludo preto, elegantíssimas para acompanhar uma «toilette» de noite. Ficam admiravelmente com um vestido cor de rosa ou verde jade, sendo também muito usadas com uma «toilette» preta. As pulseiras em pedrarias têm uns desenhos muito modernos e são de grande beleza, dando magestade à qualquer «toilette» de noite com que sejam usadas.

As jóias voltam a ser muito usadas e são o complemento das «toilettes» de noite, que com elas ficam admiravelmente completadas.

As tranças dos chineses

ONDE acabaram as tranças dos chineses? É o que se vai saber. Nas fábricas de óleos, uma espécie de sacos destinadas a receber a massa oleosa, que fica no fundo e da qual é necessário extrair todo o material utilizável, é dum grande importância. Estes sacos sofrem uma pressão fortíssima e suportam um alto grau de temperatura. Tem portanto de ter grande resistência. Antes da guerra fabricavam-se com pelo de camelo do Turkestão russo, mais tarde recorreu-se aos camelos chineses, mas o seu pelo era muito menos resistente.

Experimentaram-se várias fibras, mas nada resistia às provas. Na época em que os chineses aboliram as suas tranças um engenheiro industrial examinou-as e experimentou o aproveitamento dessa resistente criatura para esse efeito. Os cabelos dos chineses demonstraram uma perfeita resistência possuindo uma elasticidade incomparável.

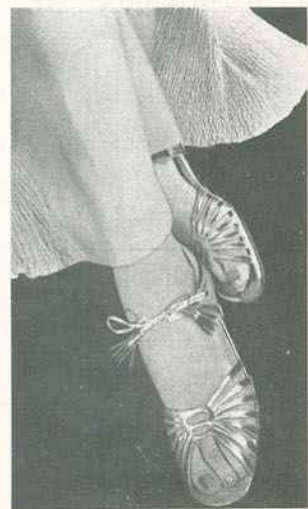


Mas acabou-se a reserva de tranças e foi então que se organizou em grande, a cultura dos cabelos, fonte de receita para muitos filhos do Celeste Império. A colheita faz-se uma vez por ano, em quasi todas as regiões. Os cabeleireiros vão de casa em casa, e cortam as cabeleiras que já têm de 30 a 35 centímetros. Existe a bolsa de cabelos que lhe fixa o preço, pena é que o cabelo das europeias não tenha a mesma resistência, pois não faltariam tranças para vender depois da moda dos cabelos cortados.

Uma escritora

Todos os países têm as suas escritoras e algumas de altíssimo valor. Entre nós está muito espalhada a literatura franceza e por esse motivo as escritoras francezas são muito conhecidas.

A Itália de hoje tem uma pleiade de escritoras que honra a pátria das Artes e das Letras, mas entre os muitos nomes dignos de menção falaremos hoje de Clarice Tartufari. Romancista insigne é uma mulher que se distingue pela simplicidade, pela seriedade e pela altíssima inteligência que lhe permite observar o mundo



poesia consoladora; a bondade das almas e a beleza das coisas.

A seriedade meditativa da sua arte admirável, doce e tranquila como um sereno céu de outono e os seus livros são bem os livros duma mulher superiormente inteligente e requintadamente feminina.

Higiene e beleza

SEMPRE a pele é a preocupação de toda a mulher que preza a sua beleza, e efectivamente uma cutis fresca e rosada é um dos melhores elementos de beleza. Há receitas facilimas para conservar a beleza e algumas para quando a fadiga se nota no rosto e a pele toma um aspecto embaçado.

Quebra-se um ovo, separa-se a gema da clara, e com a gema untase a cara toda, deixa-se esta mascarar durante uma meia hora, em seguida lava-se a cara com água morna. Todo o sinal de cansaço desaparecem e oia a juventude que voltou. Esta receita é conhecidíssima e muitas senhoras a usam.

Para os cravos ou pontos negros, eis uma receita: Depois de as tirar pela pressão ou com o aparelho próprio, passa-se na cara um algodão embebido na seguinte loção: Alcool a 90º, 250 gramas, solução sulfú-fuchnic, 112 c. m. c. Essência de rosas do oriente 5 gotas, essência de canela de Ceilão 5 gotas, essência de amêndoas amargas e gotas, lavanda e gramas, água destilada de loureiro-cereje 1 litro. E de efeito surpreendente.

Da mulher para mulher

Preocupada: É bastante razão tem para o estar, porque na verdade não sabe aproveitar a felicidade que possui. Se o seu marido tem as suas qualidades que diz, para que lhe faz essas cenas, que desculpe-me que lhe diga, parecem duma inconsciente? Ele saltu uma primeira vez e se assim continuar acabará por não voltar mais. Se o estima tanto, para que o apoqueta? Trate os nervos e tenha juizo porque senão, parece-me que terá muito mais dias na sua vida.

Alta: Tem muita razão em querer fazer uma vida higienica que não exclua a correção o que muito bem se pode aliar numa praia. Há fatos de banho muito elegantes, «mallota» e que são correctísimos, escolha um nêso género. Os banhos de sol nunca devem ser durados. Meia hora o máximo e sempre mudando de posição.

# FIM DE FESTA

## Bridge

(Problema)

Espadas — 9  
Copas — — — —  
Ouros — R. 9, 4, 2  
Paus — 5, 3

Espadas — 7      N      Espadas — 5  
Copas — D. V 6, 3      O      Copas — — — —  
Ouros — 10      E      Ouros — 7, 5, 3  
Paus — R.      S      Paus — 9, 7, 2

Espadas — V. 4  
Copas — 10  
Ouros — — — —  
Paus — 10, 8, 6, 4

Trunfo paus. S joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

O joga A. e e 2 c.

N entra de 7 e sobre o 2 e e joga D. p.

Se O não entra com A. p, N — 5 p, S — R. p e V. p até O jogar A. p.

O pode fazer copas ou ouros.

Se faz copas, S — A. e e trunfa 3 vezes descartando-se N por forma a conservar uma carta de copas, e O e E como quiserem.

Quando S joga o último trunfo, cada parceiro tem 4 cartas e O e E não têm forma de evitar que S e N firmem 5 c, ou 10 e ou 9 o.

## A rapidez dos sonhos

Uma das coisas mais impressionantes nos sonhos é a rapidez com que se verificam os sucessos que a nossa imaginação representa. Quando sonhamos, vivemos uma vida inteira num minuto; e no espaço de um segundo apenas executamos actos que não poderíamos tornar a executar no mundo objectivo, em muitas horas, ou até mesmo em muitos anos.

O conde Lavalette refere que, uma noite, encontrando-se encarcerado e condenado à morte, sonhou que tinha estado cinco horas à esquina de uma rua de Paris, a presenciá-la uma série contínua de horribes cenas sangrentas, cada uma das quais o tinha impressionado profundamente; e, contudo, quando abriu os olhos, viu que tinha dormido não mais do que dois minutos.

Numa experiência mais recente, realizada com o fim de comprovar a veracidade desta teoria, despertou-se o dorminte deitando-lhe na testa umas gotas de água fria, operação em que só se empregou um momento; e, apesar da incalculável brevidade deste acto, o dorminte teve tempo para sonhar que estava fazendo uma excursão, durante a qual caíra a um lago, e que, durante a grande luta que sustentara para se livrar da morte, que por fim o venceu, se lhe haviam representado no espírito todos os factos da sua vida, como dizem que se representam às pessoas que, na realidade, se estão afogando.

## Dez vezes a mesma soma

(Paciência)

Pegar nos quatro 7, nos quatro 8, quatro 9 e quatro 10 de um baralho de cartas e colocá-los em 4 filas de 4 cartas cada, de maneira que tanto horizontal, como vertical, como diagonalmente se leia sempre o mesmo número de pontos.

## Os anais do coquetismo

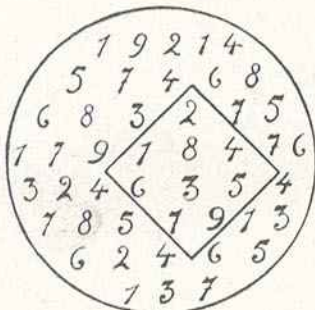
Engana-se quem pensar que entre a descoberta de Narciso mirando a sua própria imagem, e a invenção veneziana dos espelhos grandes, o homem, ou antes a mulher, não imaginou contemplar-se e adorar-se a si mesma.

Encontrou-se nas escavações de Antinôe, uma série de pequeninos espelhos compostos de esferas de vidro, no interior das quais estava aplicada uma folha delgada de chumbo; a moldura era também de chumbo, elegantemente ornamentada.

Este utensilio de galanteria era trazido à cintura, pelas Afroditas e pelas Laís do quarto e quinto século da nossa era; na Bulgária na Trácia, no Egípto, na Grécia, em Roma, era dum uso constante, e em Florença encontram-se ainda espelhos desse género.

## Quebra-cabeças matemático

(Solução)



Muito embora os povos antigos já conhecessem a electricidade; manifestada pelo poder atractivo do âmbar quando esfregado, pela sensação do toque no torpedo ou águia eléctrica, etc., foi o físico inglês Gilbert quem no ano 1600 publicou o primeiro tratado sobre magnetismo, revelando que além do âmbar outras substâncias adquiriam, pela fricção, a propriedade de atrair os corpos leves, chamando *elétricos* aos corpos que tinham essas propriedades.

Essa palavra veio do grego *electron*, que significa âmbar. *Electricidade* significou assim, primitivamente o poder que tinham os corpos eléctricos.

A delicadeza, no Tibet, exige que, ao cumprimentar-se um estranho, se agarre na orelha direita, com a mão direita e se deite, a seguir, a língua de fora tanto quanto esta se puder estender.

## Palavras cruzadas

(Solução)

P	E	R	A	M	D	E	D	O
O	A	R	M	A	D	O	S	V
T	E	O	R	N	A	R	R	E
E	S	T	S	O	S	S	E	M
C	A	S	S	R	U	M		
I	R	M	A	O	R	A	C	A
I	A	M	J	T	I	D		
I	B	O	M	A	O	A	O	S
R	A	B	A	R	B	A	R	I
R	P	I	R	R	A	C	A	S
A	S	A	S	O	O	S	S	O

## A música e o cabelo...

A Joachim, o célebre violinista, perguntaram um dia se a música poderia exercer alguma influência no crescimento do cabelo dos executantes.

— Enorme, respondeu o grande artista. A abundancia ou a raridade de cabelo varia conforme o instrumento que se toca.

— O piano, caro mestre, é favorável ou nocivo às cabeleiras abundantes como a de Absalão?

— Tudo quanto há de favorável. Olhe para Listz, para Rubinstein, para Paderewski, para Diemer. E veja também os grandes violinistas Paganini e Kubelik, entre outros. O trombone, o cornetim, etc., é que determinam uma calvície precoce.

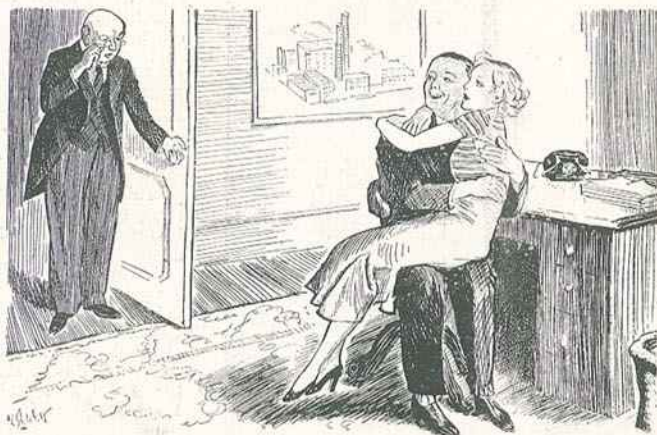
Ora aí está a razão porque os grandes pianistas e os grandes violinistas de fama têm todos uma guedelha tremenda.

É dos instrumentos, que tocam. Se passassem a tocar... clarinète, ficariam com a cabeça calva como um queijo flamengo!

## A môsca reveladora

Uma *troupe* de músicos ambulantes percorria as praias durante o verão, dando concertos ao ar livre.

E quando, em seguida à audição, um deles ia recolher os donativos dos ouvintes, com uma bandeja na mão, os outros, que certamente tinham pouca confiança nêle, metiam-lhe uma môsca viva na mão livre, para quando o homem voltasse lhes poder provar que não tocara no conteúdo da bandeja...



O chefe do escritório: — Na verdade, sr. Silva! É para isto que eu lhe pago?  
O empregado: — Não senhor, ora essa! Eu faço isto de graça.

(Do London Opinion.)

# Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1936

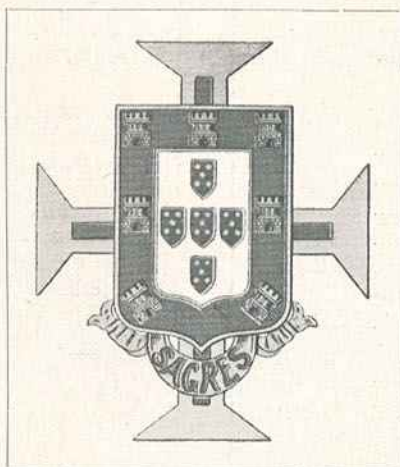
**Esc. 19.048.594\$54**

Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM  
A

## SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1936

**Esc. 13.915.096\$56**

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM  
A

## SAGRES

### Companhia de Seguros SAGRES

**RUA DO OURO, 191** — (Edifício próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

**À VENDA**

## A Patologia da Circulação Coronária

**O problema da angina pectoris  
O infarto do miocardio  
O síndrome de Adams-Stokes**

PELO

**DR. EDUARDO COELHO**

Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 x 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. 25\$00

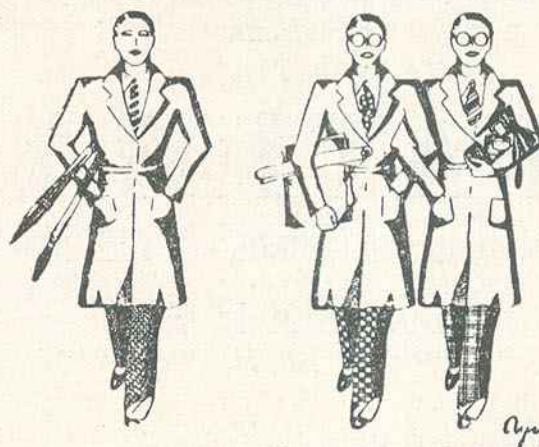
Pelo correio à cobrança, Esc. 27\$00

*À venda em tôdas as livrarias*

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
**75, Rua Garrett, 75 - LISBOA**

## GRAVADORES

## IMPRESSORES



TELEFONE  
2 1368

# BERTRAND IRMÃOS, L.<sup>DA</sup>

**TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA**



# Dicionários escolares

Redução de preços destes Dicionários para auxiliar a população escolar

DICIONÁRIOS DO POVO na ortografia oficial, portateis, economicos, completos, em volumes encadernados

<b>Português</b> — 860 págs. ....	<b>12\$00</b>
<b>Francês-Português</b> — 800 págs. ....	<b>13\$50</b>
<b>Português-Francês</b> — 818 págs. ....	<b>13\$50</b>
<b>Inglês-Português</b> — 920 págs. ....	<b>13\$50</b>
<b>Português-Inglês</b> — 644 págs. ....	<b>13\$50</b>
<b>Latim-Português</b> — 1.128 págs. ....	<b>25\$00</b>
<b>Francês - Português e Português-Francês</b> , num só volume ....	<b>25\$00</b>
<b>Inglês-Português e Português-Inglês</b> , num só volume ....	<b>25\$00</b>

Os melhores e mais baratos

Fazem-se remessas à cobrança

**À VENDA NAS LIVRARIAS**

Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**  
Rua Garrett, 73 — LISBOA

*Um grande sucesso de livraria*

**A APARECER BREVEMENTE  
A NONA EDIÇÃO, REVISTA**

**11.º MILHAR**

# FÁTIMA

GRAÇAS \* SEGREDOS \* MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado,  
com capa a côres e oiro ..... **12\$00**  
Pelo correio à cobrança ..... **13\$50**

*Pedidos aos editores:*

**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

*A aparecer:*

# S. BANABOIÃO ANACORETA E MÁRTIR

ROMANCE

POR **AQUILINO RIBEIRO**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

# VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

À VENDA O 3.º MILHAR

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bóbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mosen del Sevillano — A Aljateria de Saragoça — Princesas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Les mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A lingua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bázia — Toledo e o "Greco" — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa  
a côres, oiro e prata. .... **12\$00**  
Pelo correio à cobrança... **14\$00**

Pedidos aos editores: **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

**ISALITA**

1 volume encader. com  
351 páginas. **25\$00**

≡

DEPOSITÁRIA:

**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## O Bébé

A arte de cuidar  
do lactante

Tradução de Dr.ª Sfra Bel-  
nollel e Dr. Edmundo Adler,  
com um prefácio do Dr. L. Cas-  
tro Freire e com a colaboração  
do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo  
volume ilustrado

**6\$00**

Depositária:

**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra.  
O cliente paga a 1.<sup>a</sup> prestação e pode levar para casa  
os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio  
que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por  
uma deminuta importância



# HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS  
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17<sup>cm.</sup> × 26<sup>cm.</sup>, 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75\$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500\$00

**COMO É O SORTEIO?** Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.<sup>o</sup> prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.<sup>a</sup> prestação,  
pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

**LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

# HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

**Albino Forjaz de Sampaio**

da Academia das Ciências de Lisboa

## ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um álbum e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas mais eminentes figuras da especialidade, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge, etc., etc.**

**Cada fascículo de 32 páginas, profusamente ilustradas,**

**Esc. 10\$00**

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

**LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett—LISBOA

# OBRAS DE JULIO DANTAS

## PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL, NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
AO OUVIDO DE M. <sup>me</sup> X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
DUQUE (O) DE LAPÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ....	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br. ....	12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ....	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ....	1\$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00

## POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. ....	4\$00

## TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ....	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ....	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGHEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00

Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

# Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA  
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

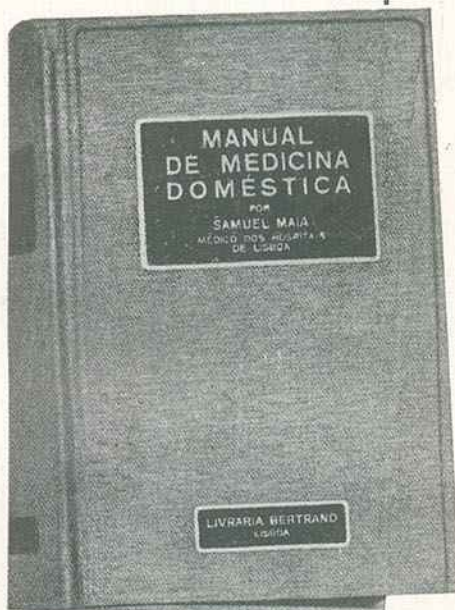
**INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE**

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

*Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tóda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.*

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

## Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tódas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

*Regra de bem viver para conseguir a longa vida*

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND**

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75



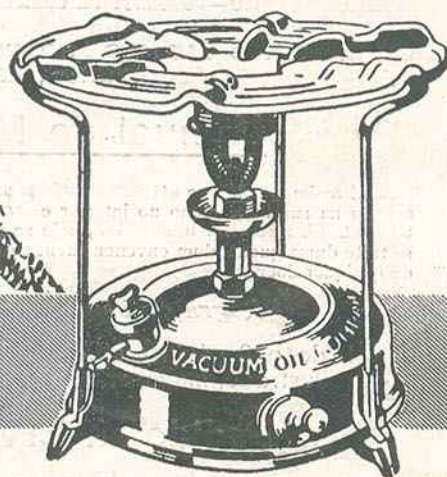
# A BELA DONA

Quem não conhece a Bela Dona dos tempos idos, senhora de altas virtudes e linhagem? De mãos patricias e prendadas, que nunca pôs os seus pèzinhos afiambros na cozinha?

Pois se ressuscitássemos hoje a Bela Dona, por certo não hesitaria em aprender a cozinhar nos célebres Fogareiros Vacuum, e ouvi-la-íamos exclamar entre duas risadinhas cristalinas:

— Que bom! Que prático! Que aseado! Até se pode cozinhar sem estragar as mãos!

## FOGAREIROS VACUUM



V A C U U M O I L C O M P A N Y